

Universidade Fernando Pessoa  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



Projecto de Graduação:

Perspectivas da População Reclusa Portuguesa acerca do Sucesso da sua  
Futura Ressocialização

João Luís, nº 21647

Porto 2011/2012

Universidade Fernando Pessoa  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



Perspectivas da População Reclusa Portuguesa acerca do Sucesso da sua  
Futura Ressocialização

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da  
Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para  
a obtenção da avaliação na Unidade Curricular de Estágio Académico do  
Curso de Criminologia, sob a orientação da Professora Doutora Glória  
Jólluskin.

João Luís, nº 21647

Porto 2011/2012

# Índice

1. Introdução	1
2. Caracterização da População em Estudo	3
2.1. Género	3
2.2. Idade	4
2.3. Escolaridade	5
2.4. Nacionalidade	6
2.5. Situação Jurídica	7
2.6. Reincidência	7
2.7. Duração das Condenações	8
2.8. Tipos de Crime	9
2.9. Toxicodependência	10
2.10. Estado Civil	10
2.11. Parentalidade	11
2.12. Institucionalização	12
2.13. Actividades Intra-muros	12
2.14. Empregabilidade Pré-reclusão	13
2.15. Saúde	15
3. Pesquisa Criminológica Sobre o Fenómeno da Reincidência	16
3.1. Conceito	16
3.2. Modelo Teórico Explicativo	17
3.3. Factores de Risco da Reincidência	18
3.4. Perspectivas e Expectativas Futuras em Relação à Reincidência	21
3.5. Descrição do Estudo Modelo	23
3.6. Perspectivas Futuras na População Geral	32
4. Estudo Empírico	34
4.1. Objectivos e Resultados Esperados	35
4.2. Método	37
4.3. Selecção da Amostra	38
4.4. Instrumentos	41
4.5. Procedimento	45
4.6. Cronograma	51

5. Análise Crítica e Conclusão	54
6. Bibliografia	57
7. Anexos	59

## 1. Introdução

O presente projecto de graduação tem como objectivo o planeamento de uma investigação cujo propósito passa por estudar a possível relação entre as expectativas futuras dos reclusos acerca da sua reinserção social e o fenómeno da reincidência. É de interesse mencionar que a parte empírica do estudo é uma replicação de uma investigação desenvolvida por Dhimi et al. (2006) cujo título é *Prisoners' Positive Illusions of Their Post-Release Success*. O documento supra citado foi um dos encontrados durante a pesquisa para o tema e, como tocava nos diferentes contextos com bastante eficácia, optou-se por uma replicação do mesmo.

O interesse pelo estudo do fenómeno da reincidência surgiu na sequência do contacto com o contexto prisional aquando do estágio académico realizado no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo. Por outro lado, durante a pesquisa inicial, surgiu a percepção que a relação supra mencionada é, de facto, pouco estudada, e que poderá ser fundamental para uma compreensão mais aprofundada do fenómeno.

Esta primeira investigação sobre a temática em questão também seria de extrema utilidade caso realmente se concluísse da existência de uma relação positiva entre as variáveis acima referidas como ponto de partida para uma intervenção em contexto prisional que permitisse trabalhar e desenvolver este fenómeno, de forma a diminuir as taxas de reincidência. Efectivamente, a ideia inicial seria a criação de um projecto que interviesse nesta temática. Contudo, o tempo disponível entre a conclusão do estágio e a inscrição para o mestrado não foi suficiente.

Optou-se, então, por um estudo exploratório (que, mesmo assim, não pode ser aplicado devido ao curto intervalo de tempo fornecido aos alunos) que pudesse criar algumas bases teóricas, bem como algum conhecimento fundamentado acerca desta problemática, de forma a

permitir futuramente que os saberes adquiridos servissem como alavanca para um estudo mais detalhado e, talvez, mais específico da relação entre as perspectivas dos reclusos sobre a reincidência e a própria e factual reincidência.

Numa fase inicial, o estudo seria composto por dois momentos, o primeiro de origem quantitativa e, o segundo, qualitativa. Uma vez mais, concluiu-se que a aplicação isolada do primeiro seria mais viável, na medida em que, recorrendo ao instrumento utilizado pelo autor do projecto raiz, seria possível uma comparação de resultados que acabaria por ser benéfica para o estudo deste fenómeno. O plano da utilização de uma metodologia qualitativa mantém-se, então, em hibernação, até uma próxima oportunidade, visto que se considera que a aplicação de um método deste tipo seria essencial para complementar e aprofundar os dados obtidos.

O presente projecto é então composto por três partes: 1) uma inicial caracterização da população reclusa portuguesa; 2) um capítulo acerca do fenómeno da reincidência, onde se compilou a informação encontrada acerca dos diferentes factores preditivos e teorias explicativas, incluindo um subcapítulo com a informação disponível acerca da relação em estudo e; 3) uma secção empírica, na qual se fez uma extensa descrição de todo o processo a ser desenvolvido numa eventual aplicação deste mesmo modelo.

O projecto finaliza com uma reflexão crítica acerca das diferentes vantagens de dirigir um estudo a este nível, bem como algumas possíveis falhas que poderão surgir no desenrolar do mesmo.

## **2. Caracterização da População em Estudo**

Importa, no âmbito desta investigação, salientar as características mais marcantes e relevantes da população reclusa portuguesa. Efectivamente, com recurso a estatísticas de diversas fontes, descreveu-se um diversificado conjunto de variáveis caracterizadoras do grupo em estudo. Ao longo desta caracterização foi elaborada uma ponte estatística entre o caso Português e a realidade de outros Países da União Europeia e, por vezes, de países fora da UE (como os Estados Unidos e a Austrália), de forma a conseguir-se uma comparação relativa das diferentes taxas. Deste modo será possível compreender qual a realidade em que se encontra o país, comparativamente à média global.

### *2.1. Género*

A população reclusa portuguesa do sexo masculino, conforme os dados estatísticos de Junho de 2012, perfaz um total de 12576, total este que, quando comparado com a informação de anos anteriores (Estatísticas de 2009), é possível notar um aumento substancial. De facto, perante os dados disponíveis de 2009, ou seja, um total de 10486 reclusos, verificou-se um aumento de 19.9% em relação ao presente ano. Esta subida em apenas três anos representa a actual realidade portuguesa (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012).

Quando comparados os dados nacionais com os de outros países membros da união europeia, como a Inglaterra ou a Irlanda, verifica-se, de igual modo, um aumento substancial. No Reino Unido constata-se um crescimento de 28.5% de 2005 a 2012 e na Irlanda, de 2009, a 2010, o número de reclusos aumentou 14.9%. Por outro lado, em países não pertencentes à UE, como os Estados Unidos da América, verificou-se, de 2000 a 2009 um aumento de 15.9%. Assim, é evidente o aumento da população prisional, não só em Portugal mas também em muitos outros países (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010; U.S. Census Bureau, 2009).

De acordo com as estatísticas prisionais de Julho de 2012, a população reclusa portuguesa demonstra uma acentuada assimetria a nível de género, predominando o sexo masculino (94.5%), o que se tem mantido há muitos anos. De facto, a sub-representação feminina traduz, eficazmente, a realidade do sistema penitenciário nacional (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012). Esta predominância da população prisional de género masculino é, de igual modo, constante noutros países.

Efectivamente, da totalidade da população reclusa inglesa, apenas 4.8% é do sexo feminino, característica esta que se afigura comum na maioria dos países. Por sua vez, no caso Irlandês, encontra-se um total de 12.4% de mulheres encarceradas o que é claramente superior aos casos Inglês e Português (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010). Por sua vez, na realidade Australiana, surge, de igual modo, uma discrepância a nível de género, com 93% de reclusos do sexo masculino (Corben, 2011).

A justificação desta marcante diferença continua em investigação, tendo sido avançadas como explicação as diferenças nos percursos desenvolvimentais entre os sexos. Na verdade, os efeitos de socialização característicos tendem a direccionar o homem para práticas de afirmação de identidade, passando, frequentemente, pela experimentação e acções grupais, enquanto que a mulher é tendencialmente estimulada a agir em conformidade com um ideal de género, que favorece o retraimento e a contenção (Torres & Gomes, 2002).

## *2.2. Idade*

Relativamente à faixa etária mais frequentemente encontrada no contexto prisional Português, no ano de 2001, verifica-se uma maior predominância de reclusos entre os 26 e os 35 anos, com uma percentagem total de 38.4%. Para além do anteriormente referido, consideram-se, de igual modo, relevantes os dados relativos à faixa etária dos 16 aos 25 anos,

na qual se verifica uma percentagem de 22.5%, que representa mais de um quinto da população total de reclusos (Torres & Gomes, 2002).

Depois de analisadas as estatísticas deste ano observa-se uma percentagem de 51.1% de reclusos na faixa etária entre os 25 e os 39 anos, o que é substancialmente superior ao observado em 2001. Já relativamente à faixa etária dos 16 aos 24 verifica-se uma percentagem de 13.4%, mostrando que nos últimos anos houve um decréscimo desta população (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012).

Por sua vez, no Reino Unido, a percentagem de jovens institucionalizados dos 15 aos 20 anos é de 1.6% , valor substancialmente inferior ao encontrado em Portugal. Já no caso Irlandês verifica-se a existência de 8.5% de reclusos com idades compreendidas entre os 16 e os 21, percentagem esta que se já se aproxima da realidade Portuguesa (Irish Prison Service, 2010; Berman, 2005).

Já no caso da Austrália surge como grupo etário mais representativo o dos 25 aos 34 anos, com uma percentagem total de 35%, verificando-se, também, alguma semelhança com situação Portuguesa (Corben, 2011).

### *2.3. Escolaridade*

Uma outra característica de relevo na população em causa é o nível de escolaridade. Efectivamente, com recurso a dados estatísticos do primeiro trimestre do ano 2012, concluiu-se que a maioria dos reclusos possui a frequência do ensino básico, perfazendo um total de 29.5% (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012). É, porém, relevante mencionar que a taxa de analfabetismo da população reclusa portuguesa está, actualmente, nos 3.9%, apresentando um decréscimo desde 2007, quando a percentagem de analfabetismo em meio prisional rondava os 5.4% (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2007).

No caso do Reino Unido, de acordo com estatísticas de 2002, uma enorme percentagem de reclusos (48%) apresentavam competências de leitura muito reduzidas, mesmo quando comparados com a população geral, que apresentava valores na ordem dos 23% (House of Commons, 2005).

De facto, esta baixa escolaridade leva a uma limitação na oferta de empregos, reduzindo as oportunidades, permitindo o acesso apenas a trabalhos de fraca qualificação, pesados e muitas das vezes pouco prestigiantes, percebidos como pouco satisfatórios do ponto de vista remuneratório da realização pessoal. Por vezes, nestas circunstâncias, surge a tendência para se iniciar ou prosseguir trajectórias desviantes dos mais diversos tipos. Na verdade, estes percursos aparentam ser predominantes num grupo maioritário de ex reclusos. Este tipo de situação permite prever dificuldades na futura reinserção social do indivíduo, prejudicando também a forma como este planeia o seu futuro (Torres & Gomes, 2002). Poder-se-á adiantar como origem desta reduzida taxa de escolaridade o contexto social em que os indivíduos estão inseridos, bem como as possíveis pressões para o abandono escolar.

#### *2.4. Nacionalidade*

Relativamente à nacionalidade mais frequentemente encontrada nas prisões Portuguesas vemos como seria de esperar, uma representação mais marcada da nacionalidade Portuguesa com uma percentagem de 80%. Esta enorme representatividade nacional terá origem no facto da grande maioria da população habitante em Portugal ser, de facto, Portuguesa. Por sua vez, a segunda nacionalidade com maior representação nas prisões portuguesas é de origem Africana com 55.2%. Já em 2001 a população reclusa era maioritariamente de nacionalidade Portuguesa apresentado, contudo, valores superiores (85%); a representatividade dos PALOP era de 9.1%. Da totalidade de reclusos habitando em prisões portuguesas a maioria era residente na região de Lisboa e Vale do Tejo (40.1%),

mantendo-se assim desde 2001 (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012). Esta prevalência surge do facto de, segundo a distribuição demográfica do país, a zona norte e a zona de Lisboa serem as mais populadas (Torres & Gomes, 2002).

No caso Inglês, a população reclusa é, uma vez mais, maioritariamente de origem Inglesa, contudo, têm uma percentagem de 13% de estrangeiros, em contraste com os 20% Portugueses. Por outro lado, as nacionalidades com maior representação são a Jamaica, a Polónia e a República da Irlanda. Já no caso da República da Irlanda vemos uma representatividade total de 77.8% de reclusos irlandeses, seguido por 10.9% de outras nacionalidades Europeias sem especificação (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010).

Já no caso Australiano a representatividade pertence, uma vez mais, aos nativos, com uma valor de 73.6%, coincidindo com as informações referentes a outros países (Corben, 2011).

## *2.5. Situação Jurídica*

Para além do já referido importa, também, mencionar a situação jurídica da esmagadora maioria dos reclusos portugueses. Efectivamente, 80% destes encontram-se condenados, enquanto o restante assume o estado de preventivo. Não foi, contudo, possível encontrar dados relativos a outros países (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012).

## *2.6. Reincidência*

Como já referido, as estatísticas relativas à taxa de reincidência no caso Português são escassas e incompletas. Contudo, depois de alguma pesquisa, encontrou-se um estudo com uma citação de um discurso de 1999 do Provedor de Justiça que declara que a taxa de reincidência em Portugal ronda os 46%, o que configura que quase metade da população

reclusa é portuguesa (Dores, 2002). Com recurso a algumas estatísticas internacionais descobriu-se que a grande maioria dos países europeus possui bases de dados bastante fiáveis acerca do caso nacional respectivo. Efectivamente, no caso da Suíça surge uma taxa de reincidência de 25%, representando uma taxa de 64% nos casos em que os indivíduos já têm mais de duas penas prévias (Morgenthaler & Grossenbacher, 2012). Já no caso Holandês, verificou-se uma taxa de 37% na população geral de ofensores e 66% em ex-reclusos (Ministry of Justice, 2005). No caso Americano é possível observar uma taxa de reincidência de 24.3% segundo as estatísticas do ano 2007 (Connolly et al., 2011). De facto, se se atentar para todas as taxas apresentadas, verifica-se que a reincidência em Portugal é claramente superior à dos restantes países apresentados, o que, uma vez mais demonstra a importância em desenvolver estudos para uma melhor compreensão deste tão predominante fenómeno.

### *2.7. Duração das Condenação*

Por outro lado, será também de interesse referir que 29.9% das penas aplicadas em Portugal encontram-se num intervalo entre 3 a 6 anos (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012).

No caso de Inglaterra, um terço da população reclusa foi condenada a penas de prisão superiores a 4 anos. Já na situação Irlandesa a maioria das penas é inferior a 3 meses, com um total de 27.9%, o que é, de facto, inesperado, não se adiantando qualquer explicação para estes dados, a não ser, talvez a possibilidade de existência de uma grande quantidade de crimes pouco gravosos, bem como a punição excessiva deste tipo de crimes; ou até mesmo a predominância de molduras penais de pequenas dimensões para diversos crimes (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010). Na Austrália, as condenações mais frequentes encontram-se num intervalo de 2 a 5 anos, estando, curiosamente de acordo com a realidade encontrada no caso Português (Corben, 2011).

## *2.8. Tipos de Crimes*

Por outro lado, afigura-se, de igual modo, importante mencionar dados referentes ao tipo de crimes mais comumente encontrados nas prisões Portuguesas. Efectivamente, segundo os dados estatísticos de Março de 2012, a maioria dos reclusos encontra-se condenado por crimes contra a propriedade (28.7%), e, seguidamente, por crimes contra as pessoas, com um total perfazendo os 25.3% (Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais, 2012).

Esta prevalência de ofensas contra a propriedade pode ser percebida como sendo originada por dificuldades económicas que poderão ter origem em inúmeros factores, como o desemprego, e muitas outras vertentes inerente à crise financeira na qual actualmente Portugal se encontra.

Já no caso do Reino Unido, os crimes mais encontrado em contexto prisional são os contra as pessoas, atingindo o dobro de casos correspondente à segunda ofensa mais cometida, com mais de 20.000 casos. Neste país em concreto, os crimes contra o património surgem em quarto lugar. As estatísticas prisionais Irlandesas, por sua vez, apresentam os delitos estradais como sendo os mais encontrados em contexto de reclusão, com 25%, encontrando-se os crimes contra a propriedade em terceiro lugar (10.9%) (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010). Deste modo, poderá ser possível explicar o porquê de uma grande representatividade de penas de 3 meses neste país; estas são devidas ao elevado número de punições de crimes estradais. Por sua vez, nos estabelecimentos prisionais Australianos verifica-se uma maior representatividade de crimes de ofensas à integridade física (17.7), seguido por delitos contra a propriedade com 11% (Corben, 2011).

## 2.9. Toxicodependência

Relativamente à relação toxicodependência-reclusão observa-se que, segundo os dados recolhidos de uma amostra de 569 reclusos recolhida numa investigação realizada nos estabelecimentos prisionais de Tires e de Montijo, 43% da população masculina consumiu cocaína ao longo da vida e 17.8% já tinham consumido heroína pelo menos uma vez na vida (Fundação Calouste Gulbenkian, 2007).

Já no caso Inglês, apesar de não se apresentar números exactos, é afirmado, pelas suas estatísticas prisionais, que a população reclusa tem maior probabilidade de abusar de substâncias estupefacientes e álcool do que qualquer outro sector comunitário. Não se encontrou, estatísticas relativas ao consumo de drogas por parte da população reclusa Irlandesa, contudo, recorrendo-se aos dados estatísticos dos programas de tratamento com metadona, concluiu-se que, 19.4% da totalidade de reclusos encarcerados na Republica da Irlanda se encontra, ou já se encontrou a usufruir deste plano de tratamento, permitindo concluir que, pelo menos esta percentagem da população consumiu, por hábito, opiáceos (Berman, 2005; Irish Prison Service, 2010).

## 2.10. Estado Civil

De acordo com os dados demográficos recolhidos num estudo de 2011 acerca dos hábitos de consumos de substâncias estupefacientes em reclusos, de uma amostra composta por 2057 indivíduos de ambos os sexos 50.8% encontra-se solteiro, enquanto 20% se encontra casado; este dado é também corroborado pela informação biográfica da amostra do estudo referido no tópico anterior (59% solteiros *versus* 29% casados). Efectivamente, quando entrecruzados estes dados com a variável “com quem viviam antes da reclusão”, concluiu-se que, 55.4% dos solteiros viviam com os pais, enquanto que, 75.2% dos casados viviam com o companheiro. Contudo, quando observado em relação à percentagem total da amostra e

seleccionando apenas os indivíduos do sexo masculino, constata-se que a grande maioria dos reclusos, antes do encarceramento, vivia com o companheiro (44.4%), seguido pela percentagem de reclusos que vive com os pais. De todos os reclusos homens, apenas 8.9% viviam sozinhos. Efectivamente, embora os solteiros surjam em maior percentagem, não significa que estes não vivam em situação de conjugalidade, uma vez que a grande maioria dos indivíduos declara viver com um companheiro. Uma outra conclusão de interesse a advir deste estudo, e ainda de acordo com o tema da habitação, é o facto de 46% da amostra viver em residência própria, enquanto que 39% habita em casa dos pais. Da totalidade da amostra, 2.4% afirmam ter estado em situação de sem-abrigo anteriormente à reclusão; 87.8% destes são indivíduos do sexo masculino, representando uma maioria (Torres & Gomes, 2002; Fundação Calouste Gulbenkian, 2007). A grande percentagem de sujeitos a habitar em casa dos pais poderá demonstrar a sedentariedade e dependência económica.

Por sua vez, no caso Inglês, 81% dos reclusos, no momento do encarceramento, encontrava-se solteiro. Contudo, concluiu-se que, desde que começaram a cumprir a pena, o número de indivíduos divorciados aumentou para 85%, demonstrando que, de alguma forma, a reclusão desestruturou o relacionamento. Por outro lado, 10% dos reclusos estavam divorciados, sendo este valor duas vezes superior ao apresentado pela população geral. Estes dados estatísticos revelam-se substancialmente disparees daqueles encontrados em Portugal (Berman, 2012). Já no caso Australiano, segundo dados estatísticos de 2011, determina-se uma percentagem de 58% de solteiros, contra uma percentagem de 30% de casados, sendo os restantes grupos minoritários e, portanto, irrelevantes (Corben, 2011).

### *2.11. Parentalidade*

Um outro aspecto importante de mencionar é a questão da parentalidade, em contexto prisional. Efectivamente, no contexto penitenciário Português, 55.7% dos indivíduos do sexo

masculino possuem filhos. Por outro lado, quando atentando aos sujeitos do sexo feminino, a percentagem é substancialmente superior (81.6%). Segundo uma investigação na área, estes dados deve-se, nomeadamente ao facto de a população masculina ser, por norma, mais jovem (Torres & Gomes, 2002).

Já no caso do Reino Unido, um quarto dos jovens reclusos possui pelo menos um filho, sendo um valor inferior ao do caso Português. Esta discrepância nos dados também poderá advir da faixa etária, uma vez que, no estudo inglês referem-se a reclusos mais jovens (Berman, 2012).

### *2.12. Institucionalização*

Uma outra conclusão relevante para caracterizar o grupo em estudo advém dos dados relativos ao anterior alojamento em centro educativos. Na verdade, 15.5% dos sujeitos encarcerados em estabelecimentos prisionais já viveu em centros educativos alguma vez na vida. Estes dados são, de certa forma, surpreendentes, já que seria esperado uma percentagem muito superior de ex-institucionalizados, isto porque, sabe-se que este tipo de instituições auxilia crianças com diversos tipos de fraquezas a nível social, como o caso da exclusão, negligência parental, certos tipos de práticas delinquentes, entre outros. Estes dados mostram, então, uma sub-representado deste tipo de indivíduos no sistema penitenciário, o que poderá ser interpretado como sendo uma das muitas variáveis que conduziu alguns indivíduos a adoptar estilos de vida criminosos (Torres & Gomes, 2002).

### *2.13. Actividades Intra-muros*

Nos dias que correm os estabelecimentos prisionais permitem e facultam aos reclusos a possibilidade de desenvolver actividades intra-muros, actividades estas que poderão ser do ramo laboral, escolar, de formação ou simplesmente passatempos formativos. De facto, em

2001, 64.8% da população prisional exerce algum tipo de ocupação interna, enquanto 72.4% trabalha, efectivamente no estabelecimento prisional. Segundo os dados retirados de uma investigação em contexto penitenciário, datada de 2001, verificou-se um crescimento a nível da ocupação da população reclusa, já que, em 1999 o número de reclusos com actividades intra-muros atingia apenas os 55% da totalidade, adiantando-se que, na altura em que foram elaborados esses dados havia uma crítica crescente relativa a este facto. De acordo com o mesmo estudo, e como já foi dito anteriormente, a esmagadora maioria dos reclusos participantes tem como ocupação o trabalho, constatando-se pouco interesse ou oportunidades para actividades no âmbito, por exemplo, escolar e formativo o que poderá ser perspectivado como prejudicial à futura reinserção social, uma vez que, estes ramos são vistos como utensílios essenciais para este fim. Segundo os autores da investigação, o destaque da ocupação laboral entre as outras deve ser relativizado, visto que, os trabalhos disponíveis em contexto prisional são tarefas pouco qualificadas (Torres & Gomes, 2002).

No caso Irlandês verificou-se, em 2010, a participação de 35% do número total de reclusos em actividades do foro educativo e formativo, enquanto que em Portugal, apenas 11.7% ingressou em actividades deste ramo. De 2009 para 2010 deu-se, de igual modo, um aumento de 132% na participação de reclusos Irlandeses em programas e cursos de formação profissional (Irish Prison Service, 2010).

#### *2.14. Empregabilidade Pré-reclusão*

Observando os hábitos de trabalho dos reclusos poderá concluir-se que quanto mais jovem o escalão etário, menor é a percentagem de trabalhadores. Na verdade, dos 36 aos 45 anos surge uma percentagem de 71.4%, seguidamente, na faixa etária compreendida entre os 26 e os 35 anos verifica-se um decréscimo de 3.1%; já no escalão de menores de 26 apenas um total de 52.8% trabalha. Em contraste com este último valor, surge a faixa etária superior

aos 56 anos, que apresenta uma percentagem de 59.3% trabalhadores (Torres & Gomes, 2002).

Ainda circundante ao tema do trabalho, segundo dados estatísticos de 2001, a grande maioria dos reclusos trabalhava quando em meio livre (65.5%), enquanto que apenas 15.2% se encontravam desempregados. Há que ter em conta, contudo, que a situação de desemprego Portuguesa da altura era muito inferior à actual, deixando alguma margem para questionar estas estatísticas. Importa então referir que, mesmo na altura, a taxa de desemprego de reclusos pré-encarceramento era superior à taxa de desemprego nacional, que circundava, em 2001, os 3.9%. Segundo os autores deste último documento, esta taxa de desemprego poderá ter origem em variadas causas, das quais não poderão ser excluídas a exclusão social, as toxicodependências, a elevada reincidência, as baixas qualificações escolares, e profissionais, entre outros (Torres & Gomes, 2002).

Já no caso do Reino Unido, constata-se que, dois terços dos indivíduos a cumprir pena se encontravam em situação de desemprego nas quatro semanas anteriores ao encarceramento. Estes números são, de facto, drasticamente superiores à já apresentada realidade nacional (Berman, 2012).

Para finalizar a temática laboral, importa, igualmente, mencionar quais as áreas de trabalho mais frequentemente encontradas em reclusos, isto é, num período pré-reclusão. Na verdade, a grande maioria dos indivíduos (83.1%), quando em meio livre, exercia na área dos trabalhos manuais e do comércio. É, de facto, interessante o grande desfasamento entre as duas maiorias percentuais, uma vez que, o segundo grupo com maior representatividade (os patrões) apresenta apenas um valor total de 8%. Os restantes grupos apresentam expressões percentuais ínfimas e portanto afiguram-se irrelevantes. Estes dados estatísticos permitem concluir que, apesar de em 2001 a grande maioria da população reclusa possuir emprego em

meio livre, o grande grupo de trabalhadores encontra-se em conjuntos laborais pouco qualificados, conjuntos estes cujos requisitos implicam um reduzido número de competências e recursos escolares (Torres & Gomes, 2002). Não se conseguiu comparar este último ponto com outros países por falta de informações estatísticas.

### *2.15. Saúde*

Um outro tema de alguma importância para caracterizar a população em estudo é o da saúde. Efectivamente, através de um inquérito no âmbito de um outro estudo apurou-se que a maioria dos indivíduos (58.8%) não toma, de facto, qualquer medicação, seguido de uma percentagem de 39.7% dos reclusos que afirma que o faz. É de igual modo importante referir que 1.5% dos reclusos respondeu não saber se toma ou não medicação; tais dados estatísticos presumem que esta dificuldade de resposta tem origem no facto de os participantes não terem a certeza se o devem afirmar se apenas a tomam de forma esporádica. A grande maioria dos reclusos afirma tomar medicamentos indutores de sono (61.3%), seguido pela categoria “Outros”, ansiolíticos (36.9%) e anti-depressivos (22.8%) (Torres & Gomes, 2002). Uma vez mais não se encontrou estatísticas dentro do tema relativas a outros países.

Dá-se então por finalizada a caracterização do quadro geral da população reclusa nacional, bem como a comparação desta com a realidade de outros países.

### **3. Pesquisa Criminológica Sobre o Fenómeno da Reincidência**

#### *3.1. Conceito*

Um indivíduo reincidente será aquele que, posteriormente à finalização de uma pena privativa de liberdade, ou seja, depois da sua libertação não se encontra reabilitado; por oposição, o sujeito irá, então, retornar ao seu prévio padrão comportamental, continuando com o cometimento de delitos (Maltz, 2001). Efectivamente, segundo o artigo nº 75 do Código Penal Português, “é punido como reincidente quem, por si só ou sob qualquer forma de participação, cometer um crime doloso que deva ser punido com prisão efectiva superior a 6 meses, depois de ter sido condenado por sentença transitada em julgado em pena de prisão efectiva superior a 6 meses por outro crime doloso, se, de acordo com as circunstâncias do caso, o agente for de censurar por a condenação ou as condenações anteriores não lhe terem servido de suficiente advertência contra o crime” e, portanto, um conceito puramente jurídico (Decreto-Lei nº 48/95, de 15 de Março).

Contudo, os dados nos quais é baseada a mensuração da reincidência raramente se encontram completos e, mesmo quando estão totalizados, afiguram-se inconsistentes, uma vez que existe uma variação considerável na forma como este é medido. No caso Português são escassas, ou mesmo inexistentes, as estatísticas sobre este tipo de regime, o que torna extremamente difícil a avaliação da situação geral nacional (Maltz, 2001).

Na verdade, a reincidência é normalmente medida tendo em conta o intervalo de tempo entre o momento da libertação (que poderá ser marcado a partir de diversas alturas, fim da liberdade condicional, fim da pena, etc) e o momento da reincidência (que também poderá ter diversas especificidades). Muitos estudos declaram taxas de reincidência de um ano, que é, portanto a secção de indivíduos que reincide no ano em que é libertado (Maltz, 2001).

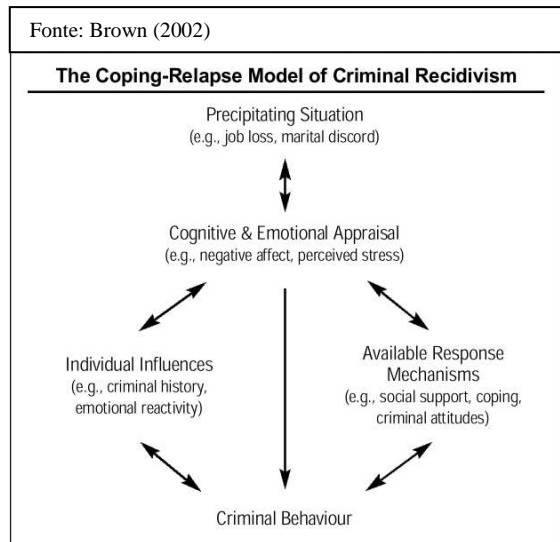
### 3.2. Modelo Teórico Explicativo

Importa, de igual modo, adiantar uma teoria desenvolvida por Zamble e Quinsey (1997) que tenta explicar a manutenção do comportamento criminoso após libertação, denominada modelo *Coping-Relapse*. O modelo anteriormente citado ignora as origens do comportamento criminal, focando-se apenas em perceber o que leva à manutenção do comportamento delinvente. Efectivamente, esta teoria defende que o processo da reincidência se inicia com um evento ambiental que o despoleta. A natureza deste evento pode ser muito variada; poderá ir desde stressores crónicos (como é o caso de problemas em relações, desemprego, *stress* financeiro) a banalidades como ter que lidar com um transporte público apinhado de passageiros. Quando ocorre o evento, o sujeito invocará uma apreciação cognitiva e emocional da situação. Os indivíduos que perceberem o evento como ameaçador ou problemático irão, por norma, experienciar emoções negativas (como a hostilidade, o medo e a cólera), um elevado nível de stress global (desencadeando pensamentos como “Eu não consigo controlar a minha vida”) e, finalmente, alguma percepção acerca da severidade do elemento despoletador (Brown, 2002).

Este último factor, contrariamente aos anteriores, irá tentar controlar a situação. Contudo, tendo em conta que a maioria dos ofensores apresentam ineficazes mecanismos de *coping*, a situação não será remediada. Segue-se então um ciclo de eventos negativos, cognições mal adaptadas, que irão levar a adopção de uma conduta criminal. Posteriormente o modelo adianta que a percepção do evento despoletador como ameaçador é mediada por outros dois subfactores, as influências individuais e os mecanismos de resposta disponíveis (Brown, 2002).

As influências individuais são relativamente estáveis e incluem factores como, por exemplo, o cadastro criminal e traços de personalidade (referidos mais à frente dentro dos

factores pré-reclusão que influenciam a reincidência). Estas características são, de facto, indicativas da propensão do indivíduo para reagir face a determinados eventos e da inclinação do mesmo para interpretar determinadas situações de forma inadaptada. Por sua vez, o factor dos mecanismos de resposta disponíveis é mais dinâmico apesar de não ser tão lábil como os eventos despoletadores, podendo ser



caracterizado como padrões de comportamento que se metamorfizam lentamente. Estão incluídos neste factor as capacidades de *coping*, o abuso de substâncias, atitudes criminais, pares criminais, motivação, entre outros. Por último, o autor afirma que todo o processo é contínuo e interactivo, para que, para cada resposta seja gerada uma nova sequência de eventos, que levarão à precipitação para outra situação, outra apreciação e, finalmente, outra resposta (Brown, 2002).

### 3.3. Factores de Risco da Reincidência

Estudos concluíram que reincidência criminal está, de igual modo, associada a diferentes factores, factores estes que podem ser agrupados em três distintas categorias: factores pré-reclusão, durante a reclusão e pós-reclusão (Dhami et al., 2006).

Até à presente data, a grande maioria da pesquisa na área versou acerca da relação entre a reincidência e os factores prévios à reclusão. Estas investigações partem do pressuposto que a prisão não passa de um mero “armazém” e, portanto, o seu impacto é mínimo. De acordo com uma investigação de Gendreau, Little e Goggin (1996), na qual os autores analisaram diversos estudos, concluindo, posteriormente na existência de oito

categorias de factores pré-reclusão com fortes características preditivas da reincidência (Dhami et al., 2006; Andrews & Dowden, 2007; Hanson, 2010).

Identificou-se, então, como factores as necessidades criminógenas, como o caso da personalidade anti-social (envolvendo características como a busca de sensações, baixo auto-controlo, agressividade, insensibilidade) e atitudes (que incluem crenças e racionalizações que aprovam o crime, estados emocionais cognitivos de cólera, indignação, e desafio), pares, ou seja, associação com outros indivíduos no mundo do crime, conjuntamente com um distanciamento de pares pró-sociais, conflito interpessoal e abuso de substâncias (drogas ou álcool); percurso e histórico criminal, envolvendo delinquência, criminalidade em idade adulta e infracções disciplinares na prisão; fracas conquistas sociais referentes ao estado marital, educação, empregabilidade, ordenado e habitação; demografia, referente a idades mais jovens, sexo masculino, e etnia; factores familiares, incluindo criminalidade na família, fracas práticas de educação familiar (baixa supervisão parental e falta de cuidados), e separação dos pais; fraco funcionamento intelectual e cognitivo; origem socioeconómica desfavorecida; aflições pessoais (há contudo investigações que defendem que este último factor não é relevante para a predição da reincidência). Segundo outras investigações também se detectaram dois outros factores relevantes, que são a baixa *performance* e satisfação escolar, que poderá incluir o abandono das actividades educativas (este factor poderá, de igual modo, estar relacionado com o emprego) e o reduzido envolvimento e satisfação em actividades de lazer pró-sociais (Dhami et al., 2006; Andrews & Dowden, 2007; Hanson, 2010). Como se pode ver, alguns destes factores já se encontram referenciados na teoria *Coping-Relapse*.

O segundo grupo de factores é referente àqueles que surgem durante a reclusão, durante a permanência do indivíduo no estabelecimento prisional. Esta categoria de factores

encontra-se fortemente relacionada com o processo de reabilitação e reinserção social no tratamento penitenciário, uma vez que o aprofundamento destes conhecimentos permite uma maior sensibilidade acerca do tipo de características a ter em conta aquando da elaboração de programas, fornecendo-lhes uma maior eficácia interventiva. De acordo com uma meta-análise de 18 estudos, o tratamento penitenciário contribui para uma diminuição da reincidência que poderá ir de 5% a 10% (Dhami et al., 2006).

Dentro desta segunda categoria de factores alguns estudos avaliaram a relação entre a experiência prisional e a reincidência. Efectivamente, concluiu-se que, a participação em actividades como a educação e o emprego intra-muros está relacionado com a diminuição da reincidência. Por sua vez, a manutenção da ligação com o exterior através do contacto com a família e amigos foi provado estar negativamente relacionado com a reincidência. Por outro lado, na presença de infracções disciplinares durante a reclusão notou-se um aumento do fenómeno em estudo (Dhami et al., 2006).

O terceiro domínio de factores relacionados com a reincidência é aquele que engloba as características que surgem posteriormente à fase de libertação, tanto em finais de pena como em liberdade condicional. Alguns estudos nesta área concluíram que problemas relacionados com a habitação, relacionamentos, emprego, educação, saúde e abuso de substâncias psicoactivas se revelam particularmente gravosos para uma eficaz reinserção social. Frequentemente, o indivíduo já tem problemas a estes níveis previamente ao cárcere, que poderão melhorar em contexto penitenciário (como a baixa educação) ou, por vezes poderão acentuar-se ou até surgir novos. Certos factores, como o *improvement* ou a criação de relações interpessoais, a facilidade em encontrar uma habitação decente e emprego e a participação em programas pós-libertação (Programas de Controlo de Cólera, de Formação para o Trabalho, de Tratamento de Drogas e Álcool, entre outras) estão fortemente ligados à

redução da reincidência. No caso Português não é frequente este tipo de programas, com a excepção dos Alcoólicos Anónimos e dos Narcóticos Anónimos. A acumulação de problemas no ajustamento pós-prisão está correlacionada com uma menos eficaz reinserção social (Dhami et al., 2006).

Através de alguma informação estatística recolhida nas prisões Holandesas alguns investigadores concluíram em mais uma serie de factores de risco da prevalência da reincidência. Efectivamente, quanto maior o número de ofensas prévias mais provável será a reincidência do sujeito; também se concluiu que os indivíduos do sexo masculino reincidem com mais frequência. Por outro lado, as que penas de prisão com maior duração diminuem a taxa de reincidência (Ministry of Justice, 2005).

Dá-se então por terminada a explicação e definição da reincidência bem como de muitos outros conceitos inerentes ao próprio fenómeno.

### *3.4. Perspectivas e Expectativas Futuras em Relação à Reincidência*

Como já referido anteriormente, o presente projecto baseia-se na premissa base de que as expectativas que os reclusos possuem para o seu futuro em liberdade poderão constituir um factor de risco ou até de protecção para o próprio fenómeno da reincidência. Foi então com o intuito de estudar esta relação que se optou pelo tema. Nesta secção do projecto, será então mencionada toda a bibliografia encontrada acerca deste interessante relacionamento. Porém, os estudos na área são escassos, o que obriga a cingir toda a revisão teórica à pouca informação disponível.

Efectivamente, segundo Dhami (2006), na maioria dos estudos centrados no tema em questão, é comum concluir que as expectativas futuras dos reclusos relativamente ao sucesso da sua reinserção social são excessivamente optimistas. Burnett, aquando da elaboração de

uma investigação sobre o tema concluiu que, pouco antes da sua libertação 70% dos reclusos da sua amostra de 130 participantes Ingleses (composta apenas por crimes contra a propriedade) classificaram o seu risco para reincidir como sendo um *risco médio*, que estima uma percentagem inferior a 50% de probabilidade (Dhami et al., 2006).

Por sua vez, Visher concluiu que de 65% a 78% da sua amostra composta por 324 reclusos americanos, numa altura próxima da sua libertação, acreditava ser “bastante fácil” ou até “muito fácil” renovar laços familiares, encontrar local de habitação, emprego estável e evitar reincidência após a libertação (Dhami et al., 2006).

Já Zamble e Quinsey, de uma amostra de 311 reclusos Canadianos que tinham voltado para um estabelecimento prisional, concluíram que a maioria se lembra de estar “bastante optimista” em relação ao seu sucesso na reinserção social, na altura da sua libertação (Dhami et al., 2006).

Efectivamente, Dhami sugere que, da amostra avaliada, a grande maioria achava-se mais capaz de uma eficaz ressocialização comparativamente aos seus companheiros, demonstrando um certo auto-enaltecimento. No desenrolar deste estudo o autor supra referido concluiu em diversas variáveis que se encontram directamente ligadas às expectativas da reincidência. De facto, sugere o autor que, um maior número de condenações anteriores, uma maior frequência de infracções disciplinares e toxicod dependência causam uma redução nas expectativas optimistas. Do mesmo modo, uma maior frequência de participação em actividades intra-muros, um maior contacto familiar e altas expectativas de encontrar emprego contribuem para uma acentuação das expectativas optimistas relativamente à reinserção (Dhami et al., 2006).

### *3.5. Descrição do Estudo Modelo*

Devido à falta de informação acerca da temática decidiu-se optar por uma replicação de um estudo elaborado por Dhami et al. (2006) e, portanto, é fundamental referir, nesta secção, toda a metodologia utilizada na elaboração do mesmo. Efectivamente, este examina a natureza optimista e auto-enaltecedora das perspectivas futuras da população reclusa, bem como os factores que predizem as perspectivas acerca da reincidência.

O estudo regeu-se por 5 diferentes objectivos: 1) Medir as perspectivas dos reclusos relativamente a encontrarem habitação, emprego e reincidirem; 2) Verificar o optimismo das expectativas dos reclusos relativamente à reincidência; 3) Verificar de que forma é que os reclusos vêm a sua hipótese de reincidir comparativamente a outros parceiros nas mesmas condições; 4) Determinar quais dos factores referidos anteriormente (na secção da reincidência) é que também contribuem para a previsão de uma possível reincidência; e 5) Explorar a robustez dos dados através do cruzamento de informação entre a população prisional Americana e Inglesa.

A amostra utilizada é composta por 241 reclusos americanos e 283 reclusos ingleses, todos eles adultos e do sexo masculino. Desta amostra, 22% dos reclusos americanos e 38.20% dos reclusos ingleses eram primários; em média, os reclusos americanos tinham cumprido 56.53% da pena total e os ingleses 35.28%. Outras características da amostra em causa serão apresentadas na tabela seguinte.

**Table 1** Characteristics of US high-security prisoners and UK medium-security prisoners

Factors <sup>a</sup>	US prisoners	UK prisoners
Most serious current offense		
Against person	55.74%	50.36%
Against property	2.55%	26.09%
Drug-related	16.17%	17.75%
Other	25.53%	5.80%
Mean sentence length (years)	11.26	5.87
Mean number of past offenses	1.94	2.41
Mean age (years)	37.09	32.54
Ethnicity		
0 = Ethnic origin	72.77%	24.19%
Education level		
0 = Not finish high school	39.24%	47.49%
Past employment		
0 = Unemployed	26.20%	35.77%
Income assistance		
0 = No	86.50%	59.78%
Housing situation		
0 = Shelter/street	5.86%	5.80%
Marital status		
0 = Single	26.58%	25.45%
Mean number of family criminality	0.78	0.98
Friends' criminality		
0 = None	45.34%	46.21%
Mean frequency of alcohol use	4.26	4.28
Mean frequency of drug use	4.47	4.49
Mean number of regime activities	2.51	2.20
Mean number of program activities	1.26	0.84
Mean frequency of outside contact	4.80	5.86
Mean frequency of misconducts	3.05	2.25
Return to family/friends		
0 = No	19.57%	16.79%
Mean accommodation chances	81.64	71.58
Mean employment chances	70.29	60.24
Attend program		
0 = No	50.00%	64.47%
Mean recidivism chances	29.11	28.62

<sup>a</sup>A single figure is listed for the negative value of binary variables where the figure for the alternative (positive value) is 1-X.

O instrumento utilizado pelos autores intitulado “Life in Prison and Future Outside” está dividido em 4 partes”com um total de 31 questões que foram seleccionadas pelo autor com base na literatura acerca da reincidência (Dhami et al., 2006).

A primeira parte foi denominada “A Tua Vida na Prisão” (Your Life in Prison) e inclui 7 itens para medir factores no decorrer da reclusão. Primeiramente é-lhes perguntado se participam em actividades (Sim vs. Não) e, da lista de programas disponíveis, é lhes pedido que seleccionem aquelas em que participaram. Seguidamente, é perguntado com que frequência comunicam com amigos e família, medido com uma escala de 5 pontos (com 4 pontos intermédios) classificados de nunca, raramente, por vezes, frequentemente e sempre. Depois, são então questionados acerca da frequência com que são punidos por infracções disciplinares em contexto prisional, com resposta numa escala de 3 pontos (com 4 pontos intermédios, agrupados 2 a 2) classificados de nunca, as vezes, e frequentemente (Dhami et al., 2006).

A segunda parte do questionário é constituída por 6 itens e foi intitulada de “O Teu Crime e a Tua Pena” (Your Offense and Sentences). Nesta secção questionam-se os participantes relativamente a detalhes do tipo de ofensa cometida, duração da sentença, e tempo já cumprido na pena. Também lhes é perguntado relativamente ao número de crimes cometidos no passado, ao tipo de crimes e ao número de penas de prisão totais (Dhami et al., 2006).

A terceira parte do questionário foi denominada de “A Tua Vida Futura no Exterior” e engloba informações acerca das expectativas de uma eficaz reinserção social dos participantes, com um total de 8 questões. Nesta secção é-lhes perguntado se tencionam voltar para a família e amigos após a libertação (Sim vs. Não). De igual modo, também lhes é pedido que avaliem as hipóteses de arranjam habitação e emprego, numa escala de 0% a 100% com intervalos de 10%. Seguidamente, é questionado se planeiam frequentar algum programa no exterior. Também é pedido aos participantes que avaliem a sua probabilidade de reincidirem e de serem, novamente sentenciados após a libertação, uma vez mais, numa escala

de 0 a 100%, com intervalos de 10%. Foram também adicionadas questões para medir a tendência a auto enaltecerem-se, utilizando, segundo os autores, um método indirecto, no qual as avaliações do próprio e dos outros são feitas em escalas separadas; as estimativas sobre os outros são questionadas em primeiro lugar. Assim, é pedido aos participantes que avaliem a probabilidade de outros reclusos reincidirem, numa escala de 7 pontos, de muito pouco provável, a muito provável, seguido pela própria avaliação dos mesmos termos (Dhami et al., 2006).

Por último, a quarta parte, intitulada “A Tua Vida Passada” (Your Past Life Outside Prison) versa, ao longo de 10 itens, sobre factores pré-reclusão. Os factores avaliados são a idade dos participantes, a etnia (que, para análise reduziu-se as categorias em Caucasiano vs. Não Caucasiano), o nível de escolaridade, empregos anteriores (Reduzido para Emprego Vs. Desemprego), Rendimento Social recebido (Sim vs. Não), habitação e estado civil (reduzido para Solteiro Vs. Parceiro). Esta parte do questionário também questiona os participantes acerca da frequência do consumo de álcool e de outras substâncias psicoactivas, numa escala de 7 pontos de nunca a frequentemente, passando por um ponto médio correspondente a às vezes. Por último, é também questionado aos reclusos se algum familiar ou amigo próximo já alguma vez teve problemas com a Justiça (Sim vs. Não para cada questão) (Dhami et al., 2006).

Importa, seguidamente, referir o procedimento utilizado pelos autores aquando da elaboração do estudo em questão. O instrumento foi aplicado por Dhami nos EUA e no Reino Unido por alguns assistentes. Os reclusos foram seleccionadas aleatoriamente, apresentados aos inquirido e convidados a participar. Foi garantido o típico sigilo e confidencialidade. Não foi atribuída qualquer compensação aos participantes. O preenchimento dos questionários foi elaborado em grupos de aproximadamente 20 reclusos em salas amplas, sem a presença de

guardas. Foi utilizado um intérprete para reclusos que não fossem fluentes na língua inglesa. Por sua vez, os questionários preenchido por reclusos analfabetos foram administrados de forma individual. O preenchimento total do questionário demorou entre 30 a 45 minutos (Dhami et al., 2006).

Os autores dividiram os resultados da investigação em 4 diferentes grupos, de acordo com as diversas temáticas estudadas. Em primeiro lugar, concluíram que as expectativas futuras dos reclusos da amostra eram altamente otimistas. Os participantes americanos declararam que a probabilidade de encontrarem habitação era de 81.64% e a de encontrarem emprego de 70.28%. Por outro lado, calcularam a sua probabilidade de cometer outros crimes nos 30.51% e de serem presos de novamente nos 26.23%. Por outro lado, os reclusos Ingleses classificaram-se com uma probabilidade de 71.58% de encontrarem habitação, de 60.24% de encontrar emprego, de 29.27% de cometerem outros crimes e de 27.90% de serem presos novamente. Através de *testes-t* com amostras independentes comprovou-se que a amostra Americana declarou uma probabilidade maior de encontrar emprego e habitação do que a amostra inglesa. Contudo, não há diferenças significativas relativamente às variáveis da reincidência (Dhami et al., 2006).

As expectativas de ambas as amostras relativamente ao futuro cometimento de crimes e a uma nova reclusão estavam altamente correlacionadas e, por isso, ambas as variáveis foram agrupadas numa única que denominaram reincidência. A média das expectativas em relação à reincidência na amostra americana foi de 28.21%, e de 28.62% na amostra Inglesa. Foi testado através destes dados que as perspectivas dos reclusos relativamente à reincidência eram irrealistas quando comparadas com as estatísticas nacionais respectivas, através um *teste-t*. As estatísticas mais recentes acerca da reincidência americana mostram que 41% dos reclusos reincide ao fim de três anos. No caso inglês, as estatísticas oficiais ditam que 55%

dos reclusos reincide ao fim de dois anos. Concluiu-se então que, as expectativas de ambas as amostras eram irrealistas (Dhami et al., 2006).

A seguinte tabela ilustra as expectativas de acordo com as diferentes características analisadas no estudo.

Fonte: Dhami (2006)

**Table 2** Recidivism rates and forecasts of recidivism by prisoner characteristics

Subgroup	US federal prisoners (%)		UK prisoners (%)	
	Recidivism rate	<i>M</i> forecasted recidivism	Recidivism rate	<i>M</i> forecasted recidivism
<b>Ethnicity</b>				
White	34	36	60	30
Black	59	22	53	24
Hispanic	45	31		
American Indian <sup>a</sup>	53	23		
South Asian <sup>b</sup>			42	8
<b>Offense type</b>				
Drugs	34	29	38	23
Firearms <sup>a</sup>	49	34		
Fraud/forgery <sup>a,b</sup>	21	54	34	26
Immigration <sup>a</sup>	53	40		
Murder/manslaughter <sup>a</sup>	43	33		
Motoring <sup>b</sup>			55	21
Against person <sup>a</sup>	65	17		
Property, burglary <sup>a</sup>	61	38	74	52
Robbery	64	23	47	36
Sexual <sup>a</sup>	50	37	14	13
Violence incl.			45	16
<b>Murder/manslaughter</b>				
<b>Sentence length</b>				
≤ 12 month <sup>b</sup>			59	18
12 month–4 year			50	34
4–10 year			30	27
10 year <sup>a,b</sup>			26	10
Life			6	16
<b>Number of previous convictions</b>				
0			18	8
1–2			40	22
3–6			58	46
7–10 <sup>b</sup>			68	66
11 + <sup>b</sup>			78	100

*Note.* The US recidivism rates were taken from Harer (Harer, 1994) p. 12, and the UK recidivism rates were taken from Home Office (Home Office 2003) pp. 162, 170, 172, 173. The US rates referred to both males and females and we could not find a breakdown by gender. The UK rates pertained to adult male prisoners except for “ethnicity” which also included females and 17–20-year-old males, and “number of previous convictions” which also included 17–20-year-old males.

<sup>a</sup>*N* < 30 for US.

<sup>b</sup>*N* < 30 for UK.

Os testes de significância foram criados para subgrupos com  $N > 30$ . Foram usados Testes-t com a percentagem da população como valor de teste, aplicando-se ajustes de Bonferroni. Estas análises revelaram que muitos subgrupos eram otimistas de forma irrealista: Reclusos presos por crimes de Roubo (EUA), reclusos condenados por crimes de droga (Reino Unido), Reclusos condenados por crimes contra as pessoas e crimes violentos, reclusos com penas de 12 meses a 4 anos (Reino Unido), entre outros. Por outro lado, também se descobriu alguns subgrupos que se encontravam calibrados a nível de expectativas futuras, como os reclusos condenados por crimes de droga (EUA), reclusos ingleses condenados por crimes de roubo e crimes sexuais, e reclusos ingleses com penas de 4 a 10 anos (Dhami et al., 2006).

Relativamente à parte do estudo acerca da postura auto-enaltecida dos reclusos ingleses, concluiu-se que estes se consideravam mais aptos a uma ressocialização mais eficaz do que os restantes reclusos, declarando ser menos provável cometer crimes (Dhami et al., 2006).

Analisaram-se os factores que prevêm a reinserção dos reclusos, testando-se a hipótese de que a experiência (por exemplo, crimes prévios) estaria relacionada positivamente com as expectativas de reincidência. Os factores predictores foram agrupados em três categorias: factores pré-pena, durante a pena e pós-pena. Análises de regressão linear foram usadas para obter a direcção e declive da relação entre estes factores e as previsões de reincidência dos reclusos, separando-se as amostras de ingleses e americanos. Para cada modelo, os factores pré-pena (por exemplo o tipo de ofensa, a duração da pena, número de ofensas prévias, idade, etnia, habilitações, emprego, estado civil, criminalidade da família e/ou amigos, frequência de ingestão de álcool, e ingestão ou não de substâncias estupefacientes) foram incluídos num passo inicial. Os factores que surgem durante a pena

(por exemplo, participação em actividades, número de programas em que o recluso participa, frequência de contacto com a família e/ou amigos e frequência de comportamentos negativos durante a pena) entraram no segundo passo. No passo final introduziram-se os factores pós-pena (previsão de regresso à família e/ou amigos, alojamento, emprego e participação em programas) (Dhami et al., 2006).

Como é verificado nas tabelas seguintes, os modelos das previsões de reincidência para reclusos do Reino Unido e dos EUA mostraram 34% e 15% da variação total, respectivamente, e foram estatisticamente significantes. Em ambos os modelos, muita desta variação foi devida a factores pré-pena, e, como esperado, apenas um pequeno conjunto de factores que indicam reincidência contribuíram para a previsão de reincidência. Como previsto, um maior número de ofensas passadas prevê com mais precisão as expectativas de reincidência (Dhami et al., 2006).

Na amostra dos reclusos dos EUA, os factores predictores mais significativos foram o tipo de ofensa, frequência de comportamentos negativos dentro da prisão e previsão de retorno à família e/ou amigos após liberdade. Especificamente, um crime contra a pessoa e previsão de retorno à família e/ou amigos eram provisórios de baixas expectativas de reincidência, enquanto que os comportamentos negativos durante a pena tinham um efeito contrário (Dhami et al., 2006).

Da mesma forma, na amostra do Reino Unido, ofensas passadas foi um factor predictor significativo de expectativas de reincidência, assim como o uso de substâncias estupefacientes, número de actividades na prisão em que o recluso participou, frequência de comportamentos negativos e previsão de obtenção de emprego após liberdade (Dhami et al., 2006).

Comparando as duas amostras estatisticamente, concluiu-se uma grande diferença nos efeitos de três factores predictores na expectativa de reincidência. o tipo de ofensa e a previsão de retorno à família e/ou amigos teve um efeito maior nos reclusos dos EUA, enquanto que o efeito do número de actividades negativas foi mais significativo nos reclusos do Reino Unido (Dhami et al., 2006).

Finalmente, examinou-se o efeito de ofensas anteriores na previsão de reincidência, usando testes que compararam reclusos sem ofensas prévias e reclusos com ofensas prévias. Em ambas as amostras (EUA e Reino Unido), reclusos sem ofensas prévias tinham uma menor expectativa de reincidência, com uma diferença muito significativa das expectativas dos que tinham cometido crimes previamente (Dhami et al., 2006).

Fonte: Dhami (2006)

**Table 3** Hierarchical regression analysis predicting US prisoners' forecasts of recidivism

Step variable	Forecasted recidivism				
	End $\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$df$
1. Current offense type	-.20**	.20	.20	2.99	14, 167***
Sentence length	.02				
Number of past offenses	.22**				
Age	-.10				
Ethnicity	.13				
Education level	.13				
Past employment	-.12				
Income assistance	-.02				
Marital status	-.04				
Housing situation	.08				
Family criminality	-.06				
Friends' criminality	-.06				
Frequency of alcohol use	.09				
Frequency of drug use	.07				
2. Number of regime activities	.08	.25	.05	2.50	4, 163*
Number of program activities	-.04				
Frequency of outside contact	-.02				
Frequency of misconducts	.17*				
3. Return to family/friends	-.30***	.34	.09	5.46	4, 159***
Accommodation chances	.01				
Employment chances	-.08				
Attend program	-.11				

Note. Final model  $F(22, 181) = 3.68, p = .001$ . Offense was recoded into 0 = *other offense* versus 1 = *against person*.

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$ .

**Table 4** Hierarchical regression analysis predicting UK prisoners' forecasts of recidivism

Step variable	Forecasted recidivism				
	End $\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$df$
1. Current offense type	-.03	.43	.43	10.62	14, 195***
Sentence length	-.06				
Number of past offenses	.33***				
Age	-.03				
Ethnicity	.05				
Education level	.01				
Past employment	-.06				
Income assistance	-.05				
Marital status	.03				
Housing situation	-.03				
Family criminality	.03				
Friends' criminality	-.04				
Frequency of alcohol use	.01				
Frequency of drug use	.23**				
2. Number of regime activities	-.14*	.48	.05	4.13	4, 191**
Number of program activities	.02				
Frequency of outside contact	-.03				
Frequency of misconducts	.13*				
3. Return to family/friends	-.06	.51	.03	3.10	4, 187*
Accommodation chances	.07				
Employment chances	-.19**				
Attend program	-.10				

Note. Final model  $F(22, 209) = 8.85, p = .001$ . Offense was recoded into 0 = *other offense* versus 1 = *against person*.

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$ .

### 3.6. *Perspectivas Futuras na População Geral*

Importa também apresentar um pouco da realidade das expectativas na população geral de forma a aprofundar mais um pouco o conhecimento base acerca do fenómeno. De acordo com pesquisa no âmbito da psicologia, as pessoas avaliam os seus objectivos futuros de forma excessivamente optimista e auto-enaltecadora. De facto, o Ser Humano tende a acreditar que será mais bem sucedido do que aquilo para que as provas e os factos apontam, acreditando também que terá uma melhor prestação numa dada tarefa do que qualquer outro sujeito comparável a si. Na verdade, as estimativas relativamente a problemas de saúde

individuais são subestimados quando comparados com as estatísticas da população e com o seu risco real. Deste mesmo modo, há uma tendência para classificar a sua probabilidade de surgir um determinado evento prejudicial como sendo inferior à dos restantes indivíduos (Dhimi et al., 2006).

Estes irrealismos não são simplesmente originados por factores como o auto-engano. Há, portanto, uma tendência para demonstrar estas ilusões face a condições específicas, como por exemplo, experiência prévia do evento; tendência esta que surge associada a certos traços de personalidade (Dhimi et al., 2006).

## 4. Estudo Empírico

Devido à inexistência de estudos acerca da relação entre as perspectivas futuras e a reincidência em reclusos (mesmo a nível internacional), afigurou-se importante dar um contributo para a melhor compreensão desta relação. Para além disso, a permanência durante sensivelmente de três meses num estabelecimento prisional (estágio académico) despertou curiosidade acerca da forma de pensamento desta subcultura.

Apesar do conceito de reincidência ser puramente jurídico, para uma mais eficaz reinserção social é necessária uma compreensão o mais aprofundada possível acerca da sua forma de funcionamento, bem como acerca dos factores de quais esta invariavelmente depende de. A maioria destas características já foram referidas anteriormente e, pretende-se agora saber até que ponto as perspectivas futuras ou a ausência das mesmas poderão contribuir para a representação do mesmo fenómeno. Se a conclusão final acerca da relação destes dois conceitos for positiva, este estudo serviria como ponto de partida para a elaboração de um programa de intervenção a elaborar posteriormente.

Seleccionou-se o estudo de Dhami como modelo, uma vez que, o tema do mesmo coincidia com o que se pretendia estudar e, deste modo, é possível exercer uma comparação com as amostras do Reino Unido, dos Estados Unidos da América e de Portugal; todas as alterações serão cuidadosamente observadas e reflectidas, de forma a não se criarem enviesamentos no que diz respeito à investigação base. O estudo de Dhami é o único cujos objectivos estão de acordo com o que se quer estudar, servindo como importante guia. Deste modo, será mais fácil organizar e planear o estudo.

O presente trabalho será apenas um planeamento estruturado de uma investigação elaborada com propósitos académicos como trabalho final para obtenção do grau de

licenciado e, portanto, não terá nem resultados nem uma amostra definida. Contudo, será descrito ao pormenor toda a sua elaboração, de forma a poder ser aplicada ulteriormente.

#### *4.1. Objectivo e Resultados Esperados*

A seguinte investigação pretende examinar o optimismo e a natureza centrada no indivíduo, no que diz respeito às previsões de reclusos Portugueses em relação ao fenómeno da reincidência, bem como em relação a outros eventos pós-libertação, tomando em consideração os factores predictivos destes planos futuros. De acordo com o estudo bibliográfico elaborado, a reincidência é um evento que tem origem em diversos factores e, assim, pretende-se provar, ao longo da secção empírica do presente trabalho que o tipo de perspectivas futuras características da população reclusa nacional funcionam, conjuntamente com esses factores, promovendo o ressurgimento do evento criminal.

Este estudo tem quatro objectivos secundários, sendo o objectivo principal a compreensão da relação entre perspectivas futuras e a reincidência em reclusos portugueses. Os objectivos não são, na sua totalidade, semelhantes aos do estudo modelo.

Primeiramente, pretende-se, então, avaliar as previsões dos reclusos em relação a diversos eventos pós-libertação como encontrar habitação (se já não a tiverem), encontrar emprego, enveredar novamente por opções criminais, e retornar ao estabelecimento prisional. Este objectivo, é coincidente com o de Dhimi.

Não será possível comparar os resultados com as estatísticas oficiais Portuguesas, portanto, afigurou-se irrelevante incluir essa comparação como objectivo.

Em segundo lugar, tenciona-se avaliar as previsões dos reclusos relativamente à sua própria probabilidade de reincidir, comparativamente à probabilidade dos outros. Apesar de os

autores apenas avaliarem este ponto na amostra inglesa, julgou-se importante avalia-lo no caso Português.

Seguidamente, pretende-se verificar de que forma os planeamentos excessivamente optimistas e enviesados ou mesmo a ausência destes possam influenciar o próprio processo de reinserção social.

Interessaria, de igual modo, comparar os resultados obtidos com o estudo raiz e verificar se existe algum tipo de discrepância ou similaridade.

Depois de seleccionada a amostra, também se pretende entrecruzar as diferentes variáveis demográficas, jurídicas e penitenciárias encontradas que, se afigurarem relevantes, de modo a compreender a forma multifacetada característica da reincidência e do planeamento futuro.

Julga-se igualmente relevante nesta secção da investigação adiantar, tendo como base os resultados do estudo base, alguns resultados esperados, uma vez que, para além de fornecer um ponto de comparação que posteriormente servirá para assumir se uma dada conclusão é inovadora ou esperada, permitirá também uma organização mais detalhada das ideias.

É esperado que os reclusos Portugueses demonstrem perspectivas irrealistas em relação aos diferentes pontos expostos, estando então em concordância com a pesquisa elaborada no decorrer da secção da revisão bibliográfica. Devido à inexistência de dados estatísticos acerca da reincidência no contexto português não será possível fazer uma ponte entre os resultados encontrados e a realidade estatística nacional.

É também esperado que os participantes possuam planeamentos futuros extremamente optimistas para a sua libertação, relativamente ao grau de dificuldade inerente a arranjar

emprego, habitação, entre outros. De igual modo, é esperado que a amostra tenha expectativas altas relativamente a sua futura reinserção social.

Para além do anteriormente referido, é, de igual modo, esperado que os participantes demonstrem perspectivas auto-enaltecedoras relativamente a perspectivarem-se mais aptos a conseguirem reinserirem-se na sociedade do que os restantes reclusos.

Espera-se que factores como o consumo de substâncias estupefacientes, o número de actividades em contexto prisional frequentadas, a expectativa de encontrar emprego aquando da libertação, o número de crimes e de prisões anteriores, o tipo de crime, o número de infracções disciplinares, o contacto com a família, entre outros também influenciem tanto as expectativas acerca da reincidência como a própria reincidência.

#### *4.2. Método*

O presente planeamento de investigação, com intuito de alcançar os objectivos supra referidos, seria composto por uma secção de recolha e análise de dados quantitativos, por intermédio de um questionário utilizado na investigação que deu origem a este estudo. As especificidades da amostra serão referidas posteriormente, no decorrer da descrição da investigação.

Optou-se por uma metodologia quantitativa, uma vez que, se torna mais simples a comparação com os dados obtidos no estudo raiz. Para este propósito, foi prontamente enviado ao autor um e-mail (encontrado em anexo), a pedir permissão para utilizar o questionário original usado no estudo ao qual o autor respondeu de forma positiva. Com recurso ao inquérito original, espera-se que os dados finais tenham, pelo menos, a mesma forma de validação, eliminando, assim, um possível enviesamento de base que se

demonstraria drástico aquando da compleição do último objectivo proposto na secção anterior.

Por outro lado, tendo em conta o tempo disponível, as metodologias quantitativas seriam a escolha mais acertada, primando pela apresentação de dados numéricos, o que permitirá ter uma realidade mais fidedigna da relação entre perspectivas futuras e reincidência. Contudo, estas poderão falhar em dar respostas mais específicas ao fenómeno que poderão ser de interesse para a aplicação prática dos conhecimentos que advierem do estudo. Tendo em conta a ausência de estudos acerca do tema julga fundamental o recurso a metodologias quantitativas mesmo de forma a fornecer a futuras investigações qualitativas bases guia, separando as variáveis relevantes daquelas com menor validade e interesse científico.

Não se põe de parte a possibilidade de inclusão de uma metodologia qualitativa, com o intuito de fundamentar e complementar os resultados finais e colmatar algumas possíveis falhas da metodologia quantitativa usada. Efectivamente, o tema em estudo possui um carácter detalhado e será, sem dúvida, uma mais valia a utilização de dados mais subjectivos e com maior valor interpretativo, dados estes que seriam impossíveis de adquirir através da utilização de outros métodos. Actualmente, não se afigura viável aplicar tal metodologia tendo em conta o tempo disponível para a finalização do projecto, mantendo-se uma metodologia semelhante à usada por Dhami.

### *4.3. Selecção da Amostra*

O estudo será aplicado à população reclusa portuguesa da zona norte, seguindo, dentro dos possíveis, as linhas guia da investigação modelo De forma a generalizar o mais possível os dados serão recolhidos não apenas de um, mas de três dos estabelecimentos prisionais do

grande Porto, nomeadamente no Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo (EPSCB), Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira (EPPF) e do Estabelecimento Prisional do Porto (EPP).

Afigura-se importante mencionar algumas das especificidades inerentes ao grupo em estudo. Na verdade, o grupo recluso é um grupo restrito que poderá demonstrar alguma renitência em responder a questões acerca de determinados temas, julgando poder influenciar de algum modo no cumprimento da pena. Por outro lado, também é possível (uma vez que é um acontecimento que surge com relativa frequência em recolhas dados), tendo em conta a sensibilidade do tema, que algumas das respostas sejam dadas de acordo com o que é socialmente correcto e com aquilo que é esperado.

Na altura da selecção da amostragem serão utilizados os processos individuais dos reclusos de modo a recolher o maior número de informação relevante acerca dos mesmos. Estes processos servirão também para preencher os dados demográficos dos reclusos antes da passagem dos questionários.

A amostra a seleccionar será exclusivamente do sexo masculino e será constituída por 300 reclusos habitualmente reclusos em Portugal. Estas duas especificidades foram escolhidas em prole do estudo raiz que utilizou uma amostra de 283 reclusos do sexo masculino. A margem de erro surge com o objectivo de colmatar possíveis dificuldades como a recusa inesperada de participação, o preenchimento aleatório dos questionários, entre outras. Desta totalidade de reclusos, 100 seriam seleccionados do EPSCB, 100 do EPPF e a última centena do EPP. Deste modo, ao utilizar diferentes populações prisionais não se corre o risco de afunilar os resultados apenas à população específica de um estabelecimento prisional.

É, de igual modo, importante dividir, no núcleo da amostra, os participantes tendo em conta certas características que tenham em comum. É de relevo agrupar os participantes por,

comprimento da pena, uma vez que, de certa forma, não será esperado que um recluso com 10 anos de prisão por cumprir seja tão cuidadoso nos planos para a saída como um recluso com uma pena de 6 meses; deste modo, será possível perceber de que forma funciona o fenómeno em estudo quando alterada a variável tempo até à libertação.

Da mesma forma, afigura-se importante agrupar a amostra em reclusos reincidentes *vs.* Reclusos primários, já que, como mencionado anteriormente, as perspectivas futuras tendem a ficar mais realistas com o aumento do número de reclusões; é então entendido como um factor relevante no âmbito do estudo.

Um outro factor já mencionado, em secções anteriores desta investigação, é a questão da idade; na verdade, seria interessante englobar na amostra reclusos mais jovens e reclusos mais velhos, de forma a perceber se, realmente, a idade é um factor predominante no tipo de planos que esta população elabora para o futuro pós-libertação.

A situação jurídica dos diferentes elementos da amostra também deverá ser tida em conta. De facto, serão excluídos da amostra reclusos em estado preventivo, uma vez que este estado não é unilateral. Enquanto que o recluso condenado terá efectivamente que cumprir a pena que lhe foi imposta (mesmo que sai mais cedo devido à possibilidade de Liberdade condicional) o recluso preventivo poderá não ter o mesmo fim, o que confere alguma incerteza ao futuro. Do mesmo modo serão excluídos da amostra indivíduos considerados judicialmente como inimputáveis, uma vez que a inclusão destes na amostra poderá enviesar o resultado final.

Afigura-se importante referir que, apesar de, nesta fase, estarem a ser descritas algumas características ideais da amostra, os diferentes reclusos terão que escolher e aceitar participar na investigação, não se garantindo, portanto, que todas as características

anteriormente referidas sejam incluídas na amostra. Estas são apenas directrizes ideais para a recolha de dados pretendida.

#### *4.4. Instrumentos*

Na íntegra, o questionário é composto por questões de escolha entre diferentes opções e, portanto, de resposta fechada, apresentando variáveis do tipo nominal, ordinal, intervalar e de rácio.

Para a elaboração da presente investigação irá ser utilizado o questionário original da investigação modelo, com as modificações que se afigurarem pertinentes. Este instrumento foi adquirido através do contacto via e-mail com o próprio autor; o questionário foi intitulado originalmente de “Life in Prison and Future Outside” e posteriormente traduzido para “Vida na Prisão e Futuro no Exterior”. Foi também ligeiramente modificado de forma a adaptar-se à população reclusa e ao sistema de justiça Português. Este questionário foi originalmente formulado em língua inglesa e, portanto, traduzido para propósitos de aplicação em Portugal pelo autor do presente projecto de graduação (a versão Portuguesa foi traduzida tendo em conta o tipo de população, que, como descrito pelas estatísticas, citados inicialmente neste projecto, possui, em média, uma escolaridade bastante baixa). Ambos os questionários se encontram em anexo no final do projecto.

Serão agora discriminadas as alterações elaboradas no questionário original.

No primeiro dos quatro grupos de questões alteraram-se, nos itens 3, 4 e 6 as escalas de medição para cinco pontos, em vez de nove; os pontos foram marcados de Nunca, Raramente, Às Vezes, Frequentemente, e Sempre. A decisão de alterar as escalas adveio do facto de se julgar que a inclusão de pontos intermédios poderia ser confusa para os

participantes. Também no item 7 a escala foi alterada de sete pontos para três, pelo mesmo motivo.

Ainda no primeiro grupo, o item 5 foi adaptado para abranger os programas utilizados em Portugal, sendo que o questionário original tinha como opções os programas utilizados nos EUA, que não se aplicam em Portugal.

No segundo grupo de questões, no item 8, foram alteradas as opções, adaptando os crimes para aqueles mais frequentes em Portugal. A mesma adaptação foi feita no item 11.

No terceiro grupo, as questões 15, 16, 18 e 19 foram adaptadas na medida em que a escala originalmente utilizada era em percentagem, com pontos de 0% a 100% de 10 em 10. A versão adaptada tem apenas os pontos de 1 a 5 em que cada ponto equivale a um valor percentual implícito, para mais fácil compreensão e capacidade de resposta por parte do recluso. Considerou-se que os reclusos poderiam não estar habituados a trabalhar com percentagens, não conseguindo fazer um bom julgamento das suas respostas a nível percentual, o que poderia levar a respostas muito afastadas da realidade. Além disso utilizaram-se palavras descritivas em cada ponto de 1 a 5 (muito difícil, difícil, nem fácil nem difícil, fácil e muito fácil) para melhor compreensão da escala por parte do recluso.

Ainda no mesmo grupo, a questão 17 era relacionada com programas pós libertação organizados pelas instituições prisionais nos EUA, como treinos para empregos e terapias para vícios, entre outros. No entanto, em Portugal não é costume existirem programas pós libertação, pelo que estas opções foram substituídas por programas existentes fora da prisão aos quais os reclusos poderiam recorrer, como alcoólicos anónimos. Esta alteração pode não manter a integridade da pergunta, afastando-se do intuito original desta, e pode até mostrar-se pouco relevante para o estudo. No entanto foi a opção que se considerou ser mais próxima da questão original, evitando discriminá-la por completo.

Por fim, ainda no terceiro grupo, tinha-se incluído as duas questões que apareciam no final do questionário original, sendo estas "Quão provável é que outros reclusos cometam outros crimes após saírem da prisão" e "Quão provável é que você cometa outros crimes depois de sair da prisão". No entanto, esta última pergunta considerou-se equivalente ao item 18, que pergunta "qual a probabilidade de cometer crimes quando sair da prisão", pelo que a inicial foi retirada.

No último grupo, que inclui perguntas sobre o recluso e a sua vida antes da pena, a segunda pergunta era "Como descreveria a sua etnia?". Esta pergunta foi retirada pois considera-se uma falha nos Direitos Humanos pedir aos reclusos para se identificarem desta forma, podendo ser considerada uma forma de discriminação. Além disso, não se considera que esta seja uma informação essencial ao estudo, já que não se vê a etnia como um factor significativo na previsão de reincidência.

No item 23, em relação ao nível escolar, a questão original era de escolha múltipla com quatro opções que assumiam uma entrada no ensino secundário e/ou superior, sendo a opção de nível escolar mínimo "não acabou o ensino secundário", assumindo que todos os reclusos continuaram o seu estudo para além do ensino obrigatório. Estas opções não levam em consideração a grande percentagem de analfabetismo entre os reclusos, reflectora de níveis de escolaridade muito mais baixos, nem permitem uma especificação do ano escolar que o recluso completou. Assim esta pergunta foi transformada numa pergunta de resposta aberta, permitindo uma maior personalização das respostas por parte dos reclusos, que conseguem assim especificar que ano de escolaridade (do 1º ao 12º ou até ensino superior) completaram, ou até mesmo a ausência total de habilitações, que não era sequer uma opção no questionário original.

Os itens 24 e 25 foram também convertidos em resposta aberta, para permitir ao recluso uma maior personalização da resposta não se restringindo às opções existentes.

Finalmente, nos itens 26 e 27 alterou-se a escala para incluir menos pontos (de sete passaram a três) porque não se achou fácil para os reclusos especificar uma frequência em sete pontos diferentes que incluem pontos intermédios não descritos, o que levaria a respostas afastadas da realidade.

Apesar da maioria das perguntas ser em resposta fechada, muitas possuem secção para especificar, o que poderá revelar-se um obstáculo para reclusos analfabetos. Como forma de colmatar esta falha julga-se possível auxiliar alguns participantes aquando do preenchimento dos questionários.

É importante referir que, ao incluir na investigação variáveis relativas a factores preditivos de reincidência, em conjunto com variáveis relativas a *expectativas* acerca da reincidência, permite um mais fiel entrecruzar de informação de forma a que os dados retirados através das primeiras permitam que se verifique e constate até que ponto as expectativas individuais não são excessivamente optimistas.

Com o objectivo de verificar se o questionário se encontra adaptado à população alvo seria ideal testa-lo com uma amostra de sensivelmente 10 reclusos para que estes possam avaliar e fornecer o seu *feedback* relativamente a possíveis confusões aquando do preenchimento do mesmo. Deste modo, o instrumento poderá ser readaptado de forma a não haver interpretações incorrectas dos diferentes itens.

Para maior detalhe consultar ambos os questionários na secção dos anexos.

Para além do questionário também terá de ser elaborado o consentimento informado que seria posteriormente entregue a todos os participantes, de forma a garantir o

preenchimento de um dos vários requisitos inerentes à aplicação eticamente correcta de investigações científicas em Ciências Sociais.

#### *4.5. Procedimento*

Será agora descrito todo o procedimento a elaborar para levar a cabo a aplicação do estudo. Ao longo desta secção serão tidos em conta todas as fases características da implementação da investigação, bem como um cronograma com a duração e a data esperada para a elaboração de cada fase. Serão referidas possíveis falhas e problemas que possam surgir ao longo de todo o processo, bem como diferentes formas de os combater ou minimizar. No fundo, a presente parte do projecto será a descrição detalhada do processo de investigação que seria realizado se o estudo fosse posto em prática.

Numa primeira fase será necessário a elaboração de um requerimento de autorização à Direcção-Geral de Serviços Prisionais e à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, com o intuito da formalização e da obtenção de autorização para implementação do estudo. Também será dado a conhecer os diferentes objectivos da investigação à direcção dos diferentes Estabelecimentos Prisionais da Zona Norte em que o estudo irá ser implementado (EPSCB, EPPF e EPP). Antes da passagem dos instrumentos será importante recorrer aos processos individuais dos reclusos de forma a seleccionar a amostra com base nos critérios anteriormente mencionados. Esta consulta de processos também servirá para preencher os itens do questionário relativos a informações demográficas dos participantes, poupando assim, algum tempo durante o preenchimento dos mesmos.

Depois de recebidas as devidas autorizações e previamente à passagem dos questionários supra-referidos, é importante ter sido elaborado o teste aos instrumentos que, como já referido, será elaborado aquando da passagem dos instrumentos individualmente a

uma amostra teste de 10 reclusos de um dos estabelecimentos supra mencionados. Os participantes no teste estarão sujeitos aos mesmos critérios dos participantes incluídos na amostra.

É, então importante estabelecer-se um primeiro contacto com os diversos participantes, no qual seria explicado todo o propósito do estudo, bem como de todas as nuances inerentes ao mesmo, solicitando a colaboração de cada elemento, ilustrando, de igual modo, a importância deste tipo de estudos. Nesta fase informar-se-iam os reclusos do anonimato a que serão sujeitos os questionários, bem como do facto de a participações neste estudo não facultar qualquer tipo de benefício nem prejuízo a nível jurídico. Será neste primeiro contacto que se preencherão individualmente os consentimentos informados que seriam complementados com informação oral de forma a colmatar alguns problemas relacionados como o possível analfabetismo de alguns dos participantes. Depois de postas de parte esta fase, será então agendada de acordo com a disponibilidade dos diferentes elementos do grupo uma data para o preenchimento dos questionários. Esta fase do procedimento será levada a cabo nos três estabelecimentos prisionais envolvidos no estudo.

Posteriormente a este contacto inicial, levar-se-á então a cabo, nas datas previstas, o preenchimento dos questionários. Este preenchimento será, contrariamente ao elaborado no estudo de Dhami, feito individualmente. Efectivamente, julga-se que a passagem dos instrumentos em grupo poderá enviesar de forma grave as respostas dos diversos participantes, levando-os até a ignorar a importância do mesmo. Por outro lado, o preenchimento em grupo poderá dificultar a colocação e o esclarecimento das dúvidas o que poderá ser prejudicial. É esperado que os diferentes estabelecimentos prisionais facultem um gabinete onde estes questionários possam ser administrados individualmente (para este propósito serão informados previamente os diferentes estabelecimentos prisionais). Seguindo

as linhas guia do autor do modelo original o preenchimentos do inquéritos será sem a presença de guardas prisionais de forma a não influenciar, de forma alguma, o participante. É, também esperado que o preenchimento do questionário demore entre 30 a 45 minutos.

Durante o preenchimento dos questionários é importante que os técnicos encarregues de supervisionar adoptem uma postura prestável, oferecendo-se desde início para auxiliar no caso de dificuldade na compreensão de certas questões ou no surgimento de qualquer outra dúvida. Estes deverão lembrar aos reclusos o que foi mencionado na primeira sessão, lembrando o estudo e os objectivos do mesmo, bem como o consentimento informado e a questão do sigilo. De igual modo, deverá haver um cuidado especial para não enviesar, de qualquer forma a resposta. No final da sessão o técnico deverá agradecer a participação dos reclusos.

O passo seguinte no procedimento será a criação de uma base de dados estatísticos no SPSS (Statistical Package for Social Sciences), na qual serão posteriormente inseridos os dados recolhidos com o preenchimento dos inquéritos. Nesta base de dados serão incluídas as diferentes variáveis inerentes ao questionário. Depois de criada a base de dados serão então inseridas as respostas dos participantes para posterior processamento. Depois de finalizado o anteriormente referido, serão então elaborados os diferentes testes estatísticos bem como os respectivos cruzamentos de variáveis inerentes a este tipo de metodologias. Esta última fase será elaborada o mais fielmente possível de acordo com o estudo raiz; porém, se detectado algum tipo de conclusão diferente esta deverá, sem dúvida ser explorada, não limitando o trabalho exclusivamente àquilo que já foi feito.

Depois de finalizado todo o procedimento estatístico serão então analisados os dados obtidos de forma a retirar os resultados, comparando-os com as conclusões obtidas na investigação original. Nesta análise de dados serão tidas em conta todas as variáveis incluídas

no inquérito aplicado, variáveis estas já referidas anteriormente. Na relação estatística principal as expectativas futuras assumem o papel de variável independente e continua enquanto a reincidência é descrita como variável dependente.

Importa, agora, referir os testes estatísticos que se utilizarão para analisar os dados adquiridos com os instrumentos. Efectivamente, o presente estudo possui um domínio transversal na medida em que existe apenas um único contacto com a amostra. A nível logístico, o tipo estatístico utilizado será o paramétrico, já que a amostra em trabalho possui  $N > 30$ . No que toca aos dados constantes proceder-se-ia a uma análise descritiva, com o intuito de os descrever através de indicadores estatísticos. As variáveis quantitativas seriam expressas em média e desvio padrão.

No caso de cruzamentos de informação entre duas variáveis contínuas será utilizada a correlação de Pearson, já que esta é utilizada na correlação de duas variáveis quantitativas (como por exemplo a idade dos participantes); já no caso de inter-relacionamento de uma variável nominal com uma variável continua utilizar-se-á o teste t de student. Uma outra medida estatística a utilizar será a correlação de Spearman, para verificar se existe, efectivamente, correlação entre variáveis ordinais. Se surgir o caso do cruzamento de mais de duas variáveis qualitativas será utilizado o teste Qui-quadrado. Para variáveis onde se detectar uma diferença significativa das médias entre grupos recorrer-se-á às comparações post-hoc utilizando o teste ANOVA.

Com o intuito de identificar relações entre variáveis dependentes e independentes recorrer-se-á à regressão linear. Este teste estatístico tem por objectivo prever o comportamento de uma variável quantitativa a partir de uma ou mais variáveis relevantes de natureza intervalar ou de rácio, informando sobre as margens de erro dessas previsões. Se

apenas existir uma variável independente, o modelo designa-se por regressão linear simples; se existirem múltiplas variáveis deste tipo denomina-se por regressão linear múltipla.

Enquanto as primeiras pressupõe a independência das observações, a linearidade do fenómeno, a normalidade da variável dependente com média e variância constante a normalidade da variável aleatória residual com média e variância constante e ainda a não autocorrelação de resíduos; a regressão linear múltipla requer, para além dos pressupostos supra referidos a não multicolinearidade (as variáveis explicativas são linearmente independentes).

Afigura-se, também, de certa forma, importante mencionar quais as variáveis que *a posteriori* poderão ter mais interesse. Efectivamente, como referido na descrição dos instrumentos, os itens do primeiro grupo definem variáveis relativas a factores que, durante o decorrer da pena, poderão influenciar a reincidência. O segundo grupo, por sua vez, inclui variáveis relativas a características jurídicas. O conjunto de itens seguintes engloba variáveis relativas a expectativas acerca da reincidência, bem como variáveis acerca da tendência dos reclusos para se enaltecem face aos outros. Por último, surge um grupo sobre os factores pré reclusão vistos como preditivos para a reincidência.

De facto, depois de estabelecidos os diferentes grupos de itens será possível, até certo ponto, prever quais serão os cruzamentos de variáveis mais esclarecedores e úteis. Por um lado, seria pertinente cruzar variáveis do grupo 3 com variáveis dos grupos 1 e 4, de forma a perceber até que ponto as expectativas de reinserção dos reclusos são exageradas tendo em conta as características actuais (em contexto prisional) e as passadas dos mesmos. Do mesmo modo se afigura importante cruzar o grupo 3 com as diferentes variáveis do grupo 2, uma vez que este conjunto de variáveis dará informação acerca do possível relacionamento entre tipos de crime, duração de pena, e outras características jurídicas e as expectativas de reincidência.

Há, porém, variáveis que, apesar de se encontrarem inseridas num grande grupo, também poderão ter relevância como variável individual. Efectivamente, uma análise individual de ambos os itens extra (que se encontram inclusos no grupo 3) permitirá concluir se os reclusos se vêem como mais aptos a se reinserir socialmente do que os seus companheiros. Por outro lado, ao combinar certas variáveis do grupo 3 com as variáveis contempladas no item 11, 12 e 13 será possível comprovar se, realmente, o optimismo das expectativas relativas a uma futura reinserção social diminui com o número de condenações anteriores ou se reclusos primários são ou não mais optimistas que os reincidentes. Uma vez mais, será perfeitamente viável cruzar algumas variáveis do grupo 3 com variáveis como o tipo de crime cometido, infracções disciplinares, contacto com a família, consumo de drogas, o numero de actividade em contexto prisional, previsões relativamente a empregabilidade futura, entre muitas outras variáveis, uma vez que fornecerão uma visão muito mais aprofundada do fenómeno em estudo. Depois de tidas em conta todas as variáveis incluídas no estudo poder-se-á concluir que, qualquer cruzamento de variáveis do grupo 3 com outra variável é, efectivamente viável para a compreensão do fenómeno. É, no entanto, fundamental que se cruzem as mesmas variáveis usadas no estudo mãe, de modo a poder existir uma comparação dos resultados obtidos.

Posteriormente à análise estatística será então elaborada a discussão dos resultados, toda ela com base nas informações adquiridas.

Importa também nesta fase do projecto indicar quais os materiais essenciais para o processo de implementação do estudo. Efectivamente, serão necessárias folhas com o intuito de imprimir os diversos questionários e outros documentos essenciais, e uma licença activa para SPSS.

#### 4.6. *Cronograma*

Nesta sub-fase de planeamento serão descritas as datas e as durações ideais das diferentes fases de desenvolvimento da investigação. Porém, haverá sempre situações imponderáveis que não se poderão controlar, muito menos planear; portanto não é garantido que o calendário aqui descrito seja na sua totalidade cumprido. Será feito um esforço para que o presente cronogramas contemple todas as secções do procedimento de uma forma realista.

Primeiramente, será instituído o mês de Janeiro de 2013 como data inicial do estudo. Como já referido anteriormente, a primeira tarefa a desenvolver será a elaboração e o envio dos diferentes requerimentos para as instituições supra-referidas. Efectivamente, apesar do processo de escrita e elaboração dos diversos requerimentos ser bastante célere é esperado que o processo burocrático das autorizações seja moroso e fora do controlo. Contudo, enquanto se espera pela anuição final deverá existir o já anteriormente referido contacto com as diferentes directorias individuais dos três Estabelecimentos Prisionais em estudo (EPSCB, EPPF, EPP); este contacto não deverá tardar mais do que três dias úteis, demorando, sensivelmente 20 minutos a expor nos diferentes gabinetes todas as informações necessárias acerca do estudo. De forma a criar uma margem de erro irá ser proposto para esta fase, uma duração de um mês, sendo então finalizada, em principio, no início do mês de Fevereiro de 2013.

Depois de concedido o consentimento será necessário testar o instrumento. Como o teste do instrumento será administrado individualmente poderá demorar algum tempo a finalizar esta fase, tendo em conta os recursos humanos disponíveis. Seriam então agendado com os 10 participantes teste diferentes datas de acordo com a sua disponibilidade. Estes também estariam sujeitos às condições de confidencialidade e do consentimento informando; é portanto, essencial que o técnico descreva o processo de participação assim como fez com a

amostra. Estima-se que esta fase dure aproximadamente um mês, estando finalizada em Março de 2013.

Posteriormente será elaborado o primeiro contacto com os reclusos de forma individual. Durante este contacto serão explicadas aos reclusos as diversas especificidades do preenchimento do instrumento, anteriormente referidas. Será também nesta fase que serão preenchidos os consentimentos informados. Espera-se que cada sessão dure aproximadamente 30 minutos. Este contacto com os participantes terá que ser agendado segundo a sua disponibilidade e as suas diversas actividades. Sendo incerta a disponibilidade para a marcação destas sessões e sendo tão elevado o número de participantes incluídos na amostra julga-se necessário um mês para a sua finalização, culminado no início de Maio de 2013.

A fase do preenchimento dos questionários é deveras incerta a nível de distribuição temporal. Em primeiro lugar terá que ser marcada, mais uma vez, tendo em conta a disponibilidade dos participantes e dos recursos, não sendo possível, nem antecipadamente, prever as datas. Seguidamente, é essencial ter em conta que a amostra é constituída por 300 reclusos, quer preencherão os instrumentos individualmente, o que torna o presente processo extremamente moroso, tendo em conta os recursos humanos disponíveis. Por último, segundo Dhami e como já referido anteriormente, o questionário demora entre 30 a 45 a ser preenchido.

Tendo em conta estes diferentes factores, será elaborado uma agenda de forma a aproveitar o tempo da forma mais rentável, tentando agrupar, quando viável, diferentes reclusos por dia. Com o total de 6 sessões por dia útil, e tendo em conta os recursos humanos disponíveis, demorará cerca de 3 meses (com margem de erro) a terminar esta fase. Poder-se-á então estabelecer o prazo de um mês para a finalização da passagem dos questionários, sendo esta terminada, em princípio, no final de Agosto de 2013.

A fase seguinte afigura uma das secções mais morosas da investigação, isto é, o tratamento dos dados obtidos. De facto, devido aos escassos recursos humanos e ao elevado número de dados estatísticos a tratar o processamento estatístico deverá demorar cerca de dois meses. Será, então de esperar, que esta fase do procedimento termine no princípio de Setembro de 2013.

Para finalizar efectivamente a investigação será então necessário mais um mês no qual seria elaborada a secção da discussão, o alinhamento e a organização final da investigação, dando-se então por terminado o estudo no mês de Outubro de 2013, ao fim de 10 meses. Uma vez mais, afigurar-se-á fundamental atentar para o facto de este cronograma poder não coincidir com a realidade, devido aos inúmeros imprevistos que possam surgir.

## 5. Análise Crítica e Conclusão

Nesta última fase do projecto serão indicadas as mais valias da investigação, bem como as possíveis falhas que poderão acontecer no âmbito da implementação da mesma. É, contudo, importante referir que há diversas situações não programáveis que poderão não ser contempladas nesta secção. É também na reflexão crítica que serão apresentadas possíveis mais valias e utilidades da investigação, bem como da sua pertinência.

Efectivamente, a realização do presente estudo pretende contribuir para a compreensão mais aprofundada do fenómeno da reincidência, mais especificamente a sua relação com as expectativas de sucesso dos reclusos. Com uma mais detalhada percepção do fenómeno em estudo será possível uma intervenção mais eficaz e precisa a nível da redução deste. Para além do já referido, se se concluir, efectivamente, numa relação positiva entre expectativas de reincidência e verdadeira reincidência, será certamente atribuída mais importância a este factor. Apesar de, por si só, não ser a causa do fenómeno, pode ser mais um contribuinte para a expressão do mesmo.

Este planeamento de estudo, assim como qualquer outro, possui falhas que poderão prejudicar os resultados finais obtidos e que, portanto, se afiguram importantes de mencionar. Primeiramente, o estudo depara-se com uma barreira extremamente prejudicial, barreira esta que já foi referida diversas vezes ao longo do projecto: a inexistência de estatísticas oficiais sobre reincidência. Efectivamente, parte dos objectivos do estudo no qual a presente investigação se baseou obrigam ao recurso a estatísticas deste tipo como forma de comparação dos dados. Esta falha foi, no entanto, colmatada através da substituição dos resultados estatísticos pelos resultados obtidos no estudo raiz. Contudo, alerta-se que este tipo de comparação alberga populações diferentes (população reclusa Portuguesa vs. População reclusa Inglesa e Americana).

Dentro do tema da pesquisa será também importante apontar como falha o número limitadíssimo de investigações acerca do tema. De facto, segundo Dhimi (2006), o fenómeno em avaliação é muito pouco estudado para a importância que tem. Esta ausência de bibliografia é extremamente limitante, uma vez que a compreensão do fenómeno acaba por não ser tão aprofundada como devia, acabando por se elaborar uma determinada investigação sem se conhecer todas ou, pelos menos, a maioria das suas vertentes (Dhimi et al., 2006).

Uma outra falha poderá advir de algum enviesamento que possa surgir aquando do preenchimento dos questionários. Efectivamente, os participantes poderão seleccionar as suas respostas de acordo com o que é socialmente desejável, deixando oculta a verdadeira realidade. Por outro lado, também poderão surgir casos em que os reclusos respondem de forma aleatória, com origem no facto de os inquéritos serem anónimos e de não haver qualquer benefício ou represália em preenche-lo erradamente. Porém, não há uma forma infalível de colmatar este problema a não ser complementar os dados com outro método. Ainda no âmbito dos questionários também poderão surgir enviesamentos com base na não compreensão de certos itens; é baseado nesta possível falha que se aconselha o técnico a auxiliar e a explicar o instrumento no momento do seu preenchimento.

Uma outra falha que poderá estar presente tem origem no tipo de trabalho. Efectivamente, é virtualmente impossível planear e controlar todas as circunstâncias através de um planeamento puramente teórico de uma investigação científica. Mesmo com todos os esforços e atenção aos pormenores afigura-se extremamente complicado organizar um plano de forma infalível.

Julga-se, por outro lado, necessário referir que uma das maiores falhas deste projecto foi o tempo disponível para o desenvolver. Inicialmente pretendia-se incluir uma metodologia

qualitativa, bem como aplicar efectivamente os inquéritos e analisar os respectivos dados e usar os resultados para iniciar um plano intervenção no tema.

O desenvolvimento do presente projecto de graduação foi de indiscutível utilidade para a formação básica do criminólogo e, sem dúvida alguma, um complemento essencial para a finalização deste grau académico. Efectivamente, com esta breve passagem pela realidade, foi possível compreender as diferentes fases e obstáculos encontrados aquando do desenvolvimento de um projecto desta magnitude, bem como da melhor forma de os superar; foi de igual modo importante quer ao nível do crescimento individual quer ao nível do crescimento académico.

## 6. Bibliografia

- Andrews, D., & Dowden, C. (2007). The Risk-Need-Responsivity Model of Assessment in Human Service and Prevention and Corrections: Crime Prevention. Canada: Jurisprudence, Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice.
- Berman, G. (2012). *Prison Population Statistics*. Inglaterra: Library House of Commons.
- Brown, S. L. (2002). The Dynamic Prediction of Criminal Recidivism: A three-wave Prospective Study.
- Connolly, M., Gardner, J., Marin, A., Molina, L., & Sinclair, E. (2011). *Statewide Criminal Justice: Recidivism and Revocation Rates*. Texas: Legislative Budget Board.
- Corben, S. (2011). *NSW Inmate Census: Summary of Characteristics*. Australia: NSW.
- Decreto-Lei nº 48/95, de 15 de Março - Código Penal Português, Diário da República
- Dhami, M. K., Mandel, D. R., Loewenstein, G., & Ayton, P. (2006). Prisoners' Positive Illusions of Their Post-Release Success. 2006. American Psychology-Law Society.
- Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais*. (2010).Estatísticas Prisionais Quinzenais 2012. Consultado em Junho de 2012, Disponível em <http://www.dgsp.mj.pt/>
- Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais*. (2010).Estatísticas Prisionais Trimestrais (1º) 2012. Consultado em Junho de 2012, Disponível em <http://www.dgsp.mj.pt/>
- Direcção-Geral de Estabelecimentos Prisionais*. (2010).Estatísticas Prisionais 2007. Consultado em Junho de 2012, Disponível em <http://www.dgsp.mj.pt/>
- Dores, A. (2002). *Prisões de Portugal*. IV Congresso Português de Sociologia.

- Fundação Calouste Gulbenkian. (2007). *Sida em Meio Prisional: Uma Caracterização com Base nos Estabelecimentos Prisionais de Tires e Montijo*. Lisboa.
- Hanson, K. (2010). The Same Risk Factors Predict Most Types of Recidivism. Ontário, Canadá: Public Safety Canada.
- House of Commons. (2005). *Prison Education: Seventh Report of Session 2004-05*. Inglaterra.
- Irish Prison Service. (2010). *Annual Report*. Irlanda.
- Maltz, M. D. (2001). *Recidivism*. Orlando, Florida: Academic Press, Inc.
- Ministry of Justice. (2005). *Recidivism Following Release From Prison*. Holanda.
- Morgenthaler, B., & Grossenbacher, A. (2012). *Statistical Data on Switzerland*. Federal Department of Home Affairs.
- Torres, A. C., & Gomes, M. d. (2002). *Drogas e Prisões em Portugal*. Lisboa, CIES/ISCTE.
- U.S. Census Bureau. (2009). *Prisoners Under Jurisdiction of Federal State Correctional Authorities*. Estados Unidos da America.

# Anexos

# Vida na Prisão e Futuro no Exterior

Responda às seguintes perguntas preenchendo os espaços em branco e pondo um X no local que considera mais correcto.

## Primeiro: Algumas perguntas sobre a sua vida na Prisão

1. Tem algum trabalho na prisão? Não [ ] Sim [ ]

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

2. Tem aulas na Prisão? Não [ ] Sim [ ]

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

3. Com que frequência vai ao ginásio ou faz exercício na Prisão?

|-----|-----|-----|-----|  
1                    2                    3                    4                    5  
Nunca      Raramente      Às Vezes      Frequentemente      Sempre

4. Com que frequência participa em actividades religiosas na Prisão?

|-----|-----|-----|-----|  
1                    2                    3                    4                    5  
Nunca      Raramente      Às Vezes      Frequentemente      Sempre

5. Já participou em algum programa na Prisão? Não [ ] Sim [ ]

Se sim, que tipo de programas?

Gerando Percursos Sociais (GPS) [ ]

Plano de Contingência [ ]

Plano de Reabilitação de Ofensores Sexuais [ ]

Plano de Delitos Estradais [ ]

Outros [ ] Diga quais \_\_\_\_\_

6. Com que frequência contacta com familiares e amigos por:

Visita      |-----|-----|-----|-----|  
1                    2                    3                    4                    5  
Nunca      Raramente      Às Vezes      Frequentemente      Sempre

## Vida na Prisão e Futuro no Exterior

Carta |-----|-----|-----|-----|  
1 2 3 4 5  
Nunca Raramente Às Vezes Frequentemente Sempre

Telefone |-----|-----|-----|-----|  
1 2 3 4 5  
Nunca Raramente Às Vezes Frequentemente Sempre

7. Com que frequência comete infracções disciplinares na Prisão?

|-----|-----|  
1 2 3  
Nunca Às Vezes Frequentemente

### Segundo: Algumas perguntas sobre o crime e a pena

8. Qual o crime por qual está a cumprir pena?

Homicídio (ou tentativa) [ ]

Violação (ou tentativa) [ ]

Ofensas Físicas [ ]

Fogo posto [ ]

Roubo (ou tentativa) [ ]

Tráfico de Drogas ( )

Fraude/Falsificação de Documentos [ ]

Outro [ ] Diga qual \_\_\_\_\_

9. Qual a duração da sua sentença?

\_\_\_\_\_anos\_\_\_\_\_meses\_\_\_\_\_semanas\_\_\_\_\_dias

10. Quanto tempo já cumpriu?

\_\_\_\_\_anos\_\_\_\_\_meses\_\_\_\_\_semanas\_\_\_\_\_dias

## Vida na Prisão e Futuro no Exterior

11. Que crimes já cometeu no passado?

Homicídio (ou tentativa) [ ]

Violação (ou tentativa) [ ]

Ofensas Físicas [ ]

Fogo posto [ ]

Roubo (ou tentativa) [ ]

Tráfico de Drogas ( )

Fraude/Falsificação de Documentos [ ]

Outro [ ] Diga qual \_\_\_\_\_

12. Quantas vezes esteve preso? \_\_\_\_\_

13. Quantas vezes já foi condenado a outra pena que não a de prisão? \_\_\_\_\_

### Terceiro: Como vai ser a sua vida depois da Prisão

14. Vai voltar para a sua família/amigos? Não [ ] Sim [ ]

15. Qual a probabilidade de encontrar casa quando sair da Prisão?

|-----|-----|-----|-----|

1                      2                      3                      4                      5

Muito Difícil      Difícil      Nem fácil nem difícil      Fácil      Muito Fácil

16. Qual a probabilidade de encontrar um emprego pago quando sair da Prisão?

|-----|-----|-----|-----|

1                      2                      3                      4                      5

Muito Difícil      Difícil      Nem fácil nem difícil      Fácil      Muito Fácil

17. Esta a planear participar em algum programa quando sair da Prisão?

Não [ ] Sim [ ]

Se sim, quais?

Alcoólicos Anónimos [ ]

Narcóticos Anónimos [ ]

Outros [ ] Quais? \_\_\_\_\_



# Vida na Prisão e Futuro no Exterior

27. Onde vive?

Vivenda [ ]

Apartamento [ ]

Abrigo [ ]

Na rua [ ]

Outro [ ] Qual? \_\_\_\_\_

28. Com que frequência bebia álcool fora da Prisão?

|-----|-----|

1

2

3

Nunca

Às Vezes

Frequentemente

29. Com que frequência consumia drogas fora da Prisão?

|-----|-----|

1

2

3

Nunca

Às Vezes

Frequentemente

30. Algum dos seguintes membros já teve problemas com a lei?

Pai [ ] Mãe [ ] Irmão/Irmã [ ] Parceira/o [ ] Amigos [ ] Outros [ ]

Quem? \_\_\_\_\_

**Obrigado pela ajuda!**

**LIFE IN PRISON AND A FUTURE OUTSIDE  
EDITED VERSION – USED IN DHAMI ET AL 2006 LHB**

**THE FOLLOWING QUESTIONS WILL REQUIRE YOU TO: FILL IN THE BLANK SPACE, CHECK A BOX, OR MARK AN X ANYWHERE ON THE SCALE PROVIDED.**

**FIRST, WE WANT TO ASK YOU SOME QUESTIONS ABOUT YOUR LIFE *IN THIS PRISON***

1. DO YOU HAVE A JOB IN PRISON? NO [ ] YES [ ]

IF YES, WHAT IS YOUR JOB? \_\_\_\_\_

2. DO YOU TAKE EDUCATION CLASSES HERE? NO [ ] YES [ ]

IF YES, WHAT CLASSES DO YOU TAKE? \_\_\_\_\_

3. HOW OFTEN DO YOU GO TO THE GYM TO WORKOUT/EXERCISE IN HERE?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
NEVER RARELY SOMETIMES OFTEN ALWAYS

4. HOW OFTEN DO YOU TAKE PART IN RELIGIOUS/SPIRITUAL ACTIVITIES IN HERE?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
NEVER RARELY SOMETIMES OFTEN ALWAYS

5. HAVE YOU ATTENDED ANY PROGRAMS HERE? NO [ ] YES [ ]

IF YES, WHICH KIND OF PROGRAMS HAVE YOU BEEN TO?

LEARNING JOB SKILLS [ ]	ANGER MANAGEMENT [ ]
QUITTING GAMBLING [ ]	LEARNING THINKING SKILLS [ ]
QUITTING ALCOHOL [ ]	DEALING WITH DEPRESSION [ ]
QUITTING DRUGS [ ]	OTHER [ ] PLEASE STATE _____

6. HOW OFTEN DO YOUR FRIENDS/FAMILY FROM OUTSIDE CONTACT YOU IN PRISON BY:

NEVER RARELY SOMETIMES OFTEN CONSTANTLY  
VISITING: I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I

WRITING: I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I

TELEPHONE: I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I

7. HOW OFTEN HAVE YOU BEEN CHARGED WITH MISCONDUCT IN HERE BY THE GUARDS/WARDEN?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
NEVER SOMETIMES OFTEN

**NEXT ARE SOME QUESTIONS ABOUT YOUR CURRENT OFFENCE AND SENTENCE**

8. WHAT IS THE MAIN OFFENCE YOU ARE NOW SERVING A SENTENCE FOR?

MURDER (OR ATTEMPTED) [ ]	MANSLAUGHTER [ ]
RAPE (OR ATTEMPTED) [ ]	ROBBERY (OR ATTEMPTED) [ ]
ASSAULT (OR ATTEMPTED) [ ]	ARSON [ ]
BREAKING AND ENTERING [ ]	DRUGS [ ]
HANDLING STOLEN GOODS [ ]	FRAUD/FORGERY [ ]
ILLEGAL IMMIGRANT [ ]	OTHER [ ] PLEASE STATE _____

9. HOW LONG IS YOUR SENTENCE? \_\_\_\_\_ YEARS \_\_\_\_\_ MONTHS \_\_\_\_\_ WEEKS \_\_\_\_\_ DAYS

10. HOW MUCH OF THIS SENTENCE HAVE YOU NOW SERVED?  
\_\_\_\_\_ YEARS \_\_\_\_\_ MONTHS \_\_\_\_\_ WEEKS \_\_\_\_\_ DAYS

11. WHAT OFFENCES HAVE YOU BEEN CONVICTED FOR IN THE PAST?

- |                            |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| MURDER (OR ATTEMPTED) [ ]  | MANSLAUGHTER [ ]             |
| RAPE (OR ATTEMPTED) [ ]    | ROBBERY (OR ATTEMPTED) [ ]   |
| ASSAULT (OR ATTEMPTED) [ ] | ARSON [ ]                    |
| BREAKING AND ENTERING [ ]  | DRUGS [ ]                    |
| HANDLING STOLEN GOODS [ ]  | FRAUD/FORGERY [ ]            |
| ILLEGAL IMMIGRANT [ ]      | OTHER [ ] PLEASE STATE _____ |

12. HOW MANY PRISON SENTENCES HAVE YOU SERVED IN THE PAST? \_\_\_\_\_

13. HOW MANY NON-CUSTODIAL SENTENCES HAVE YOU HAD IN THE PAST? \_\_\_\_\_

**NEXT, WE WOULD LIKE TO KNOW ABOUT HOW YOU VIEW YOUR LIFE AFTER PRISON**

14. WILL YOU GO BACK TO YOUR FRIENDS/FAMILY WHEN YOU ARE RELEASED? NO [ ] YES [ ]

15. WHAT ARE YOUR CHANCES OF FINDING A PLACE TO LIVE WHEN YOU ARE RELEASED FROM PRISON?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

16. WHAT DO YOU THINK ARE YOUR CHANCES OF FINDING A PAID JOB WHEN YOU ARE RELEASED FROM PRISON?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

17. DO YOU PLAN TO ATTEND ANY PROGRAMS ONCE YOU ARE RELEASED FROM PRISON?  
NO [ ] YES [ ]

IF YES, WHICH PROGRAMS DO YOU PLAN ON ATTENDING?

- |                              |                           |
|------------------------------|---------------------------|
| ANGER MANAGEMENT [ ]         | ADDICTION COUNSELLING [ ] |
| JOB TRAINING PROGRAMS [ ]    | FAMILY PROGRAMS [ ]       |
| OTHER [ ] PLEASE STATE _____ |                           |

18. WHAT ARE THE CHANCES OF YOU OFFENDING WHEN YOU ARE RELEASED FROM PRISON?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

19. WHAT ARE THE CHANCES OF YOU GETTING ANOTHER PRISON SENTENCE WHEN YOU ARE RELEASED FROM PRISON?

I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I-----I  
0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70% 80% 90% 100%

**FINALLY, WE WOULD LIKE TO KNOW MORE ABOUT YOU AND YOUR LIFE BEFORE PRISON**

20. HOW OLD ARE YOU? \_\_\_\_\_





João Cardoso da Silva Próspero Luís <joaoproperoluis@gmail.com>

## RE: Survey (inmate's positive illusions)

4 mensagens

**m.dhami@surrey.ac.uk** <m.dhami@surrey.ac.uk>

15 de Junho de 2012 00:21

Para joaoproperoluis@gmail.com

Hi

Thank you for your email. Sorry that I didn't reply earlier - it was sent to my old email address that I rarely check. I'm currently out of the country and can send you a list of the questions and scales that we used in the paper (these can also be easily inferred from the method section of the paper). Let me know if you still need them (and please use this email).

Best wishes, Mandeep.

---

Mandeep K. Dhami, PhD  
 Reader in Forensic Psychology  
 School of Psychology  
 Faculty of Arts and Human Sciences  
 University of Surrey  
 Guildford, Surrey  
 GU2 7XH  
 UK

T: +44 (0)1483 686933  
 F: +44 (0)1483 689553  
 E: [m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)

—Original Message—

From: Dr M.K. Dhami [<mailto:mkd25@hermes.cam.ac.uk>] On Behalf Of Dr M.K. Dhami  
 Sent: 14 June 2012 23:56  
 To: Dhami MK Dr (Psychology)  
 Subject: Fwd: Survey (inmate's positive illusions)

—  
 Mandeep K. Dhami, PhD  
 Institute of Criminology  
 University of Cambridge  
 Sidgwick Avenue  
 Cambridge CB3 9DA UK  
 E-mail: [mkd25@cam.ac.uk](mailto:mkd25@cam.ac.uk)  
 Phone: +44(0)1223 335385  
 Fax: +44(0)1223 335356  
 Webpage: [http://www.crim.cam.ac.uk/people/academic\\_research/mandeep\\_dhami/](http://www.crim.cam.ac.uk/people/academic_research/mandeep_dhami/)

----- Forwarded message -----

Date: Fri, 25 May 2012 15:15:24 +0100  
 Subject: Survey (inmate's positive illusions)  
 From: João Cardoso da Silva Próspero Luís <[joaoproperoluis@gmail.com](mailto:joaoproperoluis@gmail.com)>  
 To: [mkd25@cam.ac.uk](mailto:mkd25@cam.ac.uk)

Dear Dr. Dhami

First of all i would like to apologize for my stubbornness. I am writing this second e-mail in order to ask you, once again, if you could lend me the survey you and your fellow colleges used in the article you wrote about the surrealistically positive illusions of inmates. As I said in the previous e-mail, I am a last year student of

criminology of University Fernando Pessoa (Portugal). If you want to double check my credentials you can check the University webpage at <http://www.ufp.pt/>. My internship tutor is Dr. Glória Jólluskin and this is her e-mail address in case you want to contact her [gloria@ufp.edu.pt](mailto:gloria@ufp.edu.pt).

PS: this is my personal e-mail. My University one is [21647@ufp.edu.pt](mailto:21647@ufp.edu.pt)

Thank you for your time

João Próspero Luís

---

**joaoproperoluis@gmail.com** <[joaoproperoluis@gmail.com](mailto:joaoproperoluis@gmail.com)>  
Para "<[m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)>" <[m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)>

15 de Junho de 2012 09:51

Hi!

Thank you so much for the reply! I have to admit that i had already given up! I still need them so, if you are willing to send, i would appreciate it!

João Próspero Luis

[Citação ocultada]

---

**m.dhami@surrey.ac.uk** <[m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)>  
Para [joaoproperoluis@gmail.com](mailto:joaoproperoluis@gmail.com)

16 de Junho de 2012 18:19

Hi  
Please find the survey attached. Good luck with your research.  
Mandeep.

---

Mandeep K. Dhami, PhD  
Reader in Forensic Psychology  
School of Psychology  
Faculty of Arts and Human Sciences  
University of Surrey  
Guildford, Surrey  
GU2 7XH  
UK

T: +44 (0)1483 686933  
F: +44 (0)1483 689553  
E: [m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)

—Original Message—

From: [joaoproperoluis@gmail.com](mailto:joaoproperoluis@gmail.com) [<mailto:joaoproperoluis@gmail.com>]

Sent: 15 June 2012 09:52

To: Dhami MK Dr (Psychology)

[Citação ocultada]

---

 **Survey used in Dhami et al.\_2006 LHB.pdf**  
77K

---

**João Cardoso da Silva Próspero Luís** <[prospero\\_345@hotmail.com](mailto:prospero_345@hotmail.com)>  
Para [m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)

17 de Junho de 2012 00:53

Hi!  
Thanks a lot for your availability!

7/17/12

Gmail - RE: Survey (inmate's positive illusions)

João

2012/6/16 <[m.dhami@surrey.ac.uk](mailto:m.dhami@surrey.ac.uk)>

[Citação ocultada]